

Capítulo II

AS INFÂNCIAS PLATTER: THOMAS

O século XV conta noventa e nove anos: Antony Platter, pai do pequeno Thomas (Tomilin), procede de uma família originária de Grächen, aldeia onde mora. Amilli Summermatterin, mãe da criança, é filha de um certo Hans Summermatter, que vivera até idade avançada. As pessoas até afirmam, pois não se empresta senão aos ricos, que Hans chegara aos cento e vinte e seis anos e tivera um filho com uma jovem de trinta, com quem havia casado aos cem. Thomas nunca disse muita coisa desse antepassado supostamente tão longevo.

Será que Thomas mamou leite de vaca num chifre furado,<sup>1</sup> já que a mãe não o pôde amamentar? Na falta de mãe lactante, na falta até de ama-de-leite, a criança adquire robustez capaz de vencer a morte, em meio à larga mortalidade infantil da época. Porque a morte grassa por todos os lados: Antony, o pai, morreu de peste em Thun, próximo de Berna, onde fora buscar lã, segundo o hábito dos homens do Valais, para que a esposa fiasse e tecesse. Casada novamente, Amilli Summermatterin teve muitos outros filhos. Duas irmãs de Thomas, mais velhas que ele, também morreram, uma de peste. Noutra ocasião, Amilli enterra pessoalmente dois filhos mortos pela pestilência. E depois dois irmãos, mercenários suíços, desapareceram em combate. *Da peste, da guerra, da fome livrai-nos, Senhor*: a fome nunca esteve longe do lar dos Platter, lar que, informam-nos acessoriamente as Lembranças de Thomas, também é presa dos usurários. Não obstante, a excessiva mortalidade que golpeia o primeiro lar platteriano não é produto apenas da miséria: nosso Thomas, adulto e abastado burguês, perderia quase todos os filhos, nas difíceis (e ainda pestíferas) condições de mortalidade citadina na Suíça alemã.

Sem saber que fazer com a prole sobrevivente de pelo menos dois leitões conjugais sucessivos, Amilli deixou o pequeno Thomas com as tias,

<sup>1</sup> O uso do chifre como mamadeira era comum nesses tempos "recuados". Ver a respeito o catálogo da exposição da Biblioteca Nacional da França "A infância na Idade Média" (outono-inverno de 1994).



irmãs do pai da criança. Abandono, ou quase. Destino comum da "agitada" infância da época, em que os órfãos eram tangidos de casa em casa. Na residência de caridosa mulher, transformada em hospedeira provisória, Thomas teve a angustiante experiência que outros memorialistas rurais também evocariam ao falar dos primeiros anos de consciência e lembranças: momentaneamente o menino se perde, dele os adultos não encontram nem sinal. Imprudência? Ele saíra sozinho pela neve numa noite em que a tia fora velar ou farrear em casa de vizinhos, e o deixara deitado na palha estendida numa mesa. Ele fugira. Foi tão difícil encontrá-lo quanto reaquecê-lo.

Aos três anos, talvez um pouco mais, Thomas foi apresentado ao bispo Schiner, futuro cardeal, também filho de criador de cabras, e político valaisiano de grande influência.<sup>2</sup> Esse inimigo da França é um prelado aguerrido que combate como outros benzem; ocasionalmente, o futuro "herético" Zuínglio dever-lhe-á o começo de esplêndida carreira. Antecipação... Mas será que o bispo, sentado numa poltrona da igreja paroquial de Grächen, realmente predisse a Thomas no ano de 1502 um futuro sacerdócio? Essa é uma das razões por que no povoado incentivaram a criança a considerar a possibilidade de um curso eclesiástico, maneira habitual (embora difícil) de ascensão para um camponesinho que manifestasse precoce aptidão intelectual. É verdade que, apesar de miserável, a família possuía entre seus membros alguns notáveis. Afora a piedade, esta é a razão de motivar a criança, já estimulada ou predestinada pelo ambiente, à vocação eclesiástica: em caso de necessidade, deve-se escalar socialmente a encosta pela integração no clero (ou depois, noutra perspectiva, pela integração no mundo da imprensa, do ensino, da medicina...)

Com sete ou oito anos, Thomas cuida das cabras da casa da tia. Franzino, como muitas crianças rurais subnutridas, o menino é facilmente derrubado pelas dezenas de caprinos que ao amanhecer saem do estábulo em tropel. Por ter perdido os sapatos na neve enlameada, quase sempre caminha descalço. No início do duro trabalho de pastor, tão comum às miseráveis crianças da época, ele desfruta de autêntica afeição de alguns pastores mais velhos. O menino torna-se particularmente sensível a essa amizade depois do equívoco desses pastores, que o tinham julgado desaparecido numa queda na montanha. Entre um jogo de conca na encosta e um lanche de pão de centeio com queijo, Thomas também experimenta a perversidade caprina: as cabras trepam tão altas escarpas em busca de vegetação que mal podem ser seguidas pelo pastor. Um belo dia Tomilin passa por angustiante situação: desequilibra-se à beira de um abismo e tem de se agarrar a um tufo de erva enrai-

<sup>2</sup> Matthäus Schiner (1465-1522) era bispo de Sitten (Sion) desde 1499. Tornar-se-ia cardeal em 1511.

zada na rocha (por ser ainda novo para usar calças, veste apenas uma curta bata esvoaçante, que guardará por muito tempo, incluído o período de viagens à Alemanha). Um "velho" colega alpinista, também chamado Thomas, salva-lhe a vida depois de escalar a maldita rocha e agarrá-lo pelos dedos. Esse colega depois pedirá recompensa a Tomilin, que, adulto, dará como autor de tal ação exclusivamente... o Todo-Poderoso; não se empresta senão aos ricos, ou o reembolso é muito mais fácil dessa maneira? "Deus protegeu-me muito", escreverá Thomas a esse respeito, numa frase que se encontra quase textual pela pena de outros aldeões, escrevinhadores de outrora.<sup>3</sup> A santa proteção é útil: abutres, corvos necrófagos e principalmente ursos rondam as encostas e povoam os medos da criança. O pequeno Thomas não tem sorte. Um parente tira-o da casa da primeira patroa para deixá-lo na residência de outro camponês, que parece confiável. Aqui Thomas brinca inocentemente com uma garotinha, filha de um proprietário de cabras e socialmente acima dele. Sempre as brincadeiras de crianças campestres: cavalo de madeira e rega de prados em miniatura segundo as técnicas utilizadas na época, em escala adulta, pelos irrigadores de pastagens de toda a Europa, não apenas a meridional. *Claudite jam ripas pueri, sat prata biberunt*. Na casa do novo patrão, Thomas vive uma vez mais os perigos das montanhas, tão assassinas para os pastores de outrora<sup>4</sup> quanto para os atuais alpinistas. Mais um dia passado em busca do rebanho caprino disperso; uma noite inteira, sem chapéu nem sapatos, agarrado às raízes de um lariço, novamente pendurado no abismo, cuja profundidade não se deixará descobrir senão ao amanhecer, tudo acrescido do risco de ataque de ursos, reais ou imaginários, além do engano com a cabra-montês, confundida com um bode extraviado. Urge deixar quanto antes o fatigante ofício de pastor de cabras. Nova mudança: Thomas começa a trabalhar na montanha com vacas que pastam em locais mais seguros, menos escarpados que as alturas tão amadas pelas cabras. Ele guarda agradável lembrança desses primeiros tempos: um dia o menino sonha que está voando sobre os picos, até que uma grande ave de rapina vem fazê-lo voltar à realidade; Thomas também sai à cata de "cristais", passatempo que às vezes chega a ser lucrativo para os jovens montanheses, tanto no século XVI quanto no seguinte. E os jogos: arremessar pedras, soprar na buzina dos pastores, saltar com vara. Provações não faltam: a grande pedra que rolou, ou voou, passa apenas a alguns metros ou centímetros acima da cabeça do alpinista. A sede (bebe-se urina) castiga mais que a

<sup>3</sup> Pierre Prion, scribe. *Mémoires d'un écrivain de campagne au XVIII<sup>e</sup> siècle*, apresentado por E. Le Roy Ladurie e O. Ranum, Paris, Gallimard, 1985, p. 48.

<sup>4</sup> Emmanuel Le Roy Ladurie, "Gavel", *L'Histoire*, março de 1979, n° 10.



fome (o pequeno cesto dorsal da criança-pastora não está mal guarnecido). Já o enxergão fervilha (no inverno) de piolhos e percevejos. O jeito é acostumar-se... O piolho, transmissor do tifo, também é grande personagem da história de ontem...

A montanha baixa, por sua vez, não duraria muito. Ela preludia a formação de um jovem letrado: o menino não é nada bobo. A família inteira sabe disso, e não esquece as predições de Schiner. A própria tia Fanny, fada-madrinha que já arranhou sucessivos empregos para Thomas, leva-o agora à casa de um padre. Trata-se do velho primo Antony Platter, homônimo do falecido pai da criança. Thomas, portanto, deixa a guarda dos bovinos, bem como o patrão precedente, em casa de quem trabalhara pouquíssimo tempo. Mas eis que ele próprio, que tanto cuidara de cabras, agora se torna uma: Antony, velho e impiedoso pedagogo, puxa-o pelas orelhas para lhe dar palmadas e fazê-lo gritar “como um cabrito sendo degolado”. Tomilin sofre mais do que quando arriscava a frágil sobrevivência nas perigosas pastagens escarpadas. Ao que tudo indica, o menino está com dez ou onze anos. Com o tio padre, que talvez tenha em casa uma pequena escola, Thomas não aprende muita coisa. Quando muito, é iniciado no canto do *Salve Regina*:

*Salve Regina, mater misericordiae,*

*Vita, dulcedo et spes nostra, salve...*<sup>5</sup>

Será que o padre se fez tutor de Tomilin? Estranha tutoria, que consiste em dar uma moeda de ouro à criança para melhor aconselhá-la a tomar rapidamente um rumo, nem que fosse para o raio que a partisse. Nossos estudiosos dirão que o comportamento em relação à infância mudou muito desde o século XVI. Ao menos no Ocidente, pois em certo Terceiro Mundo, no Brasil (com mais de dez milhões de crianças abandonadas) ou na cordilheira dos Andes, por exemplo, as coisas serão tão diferentes hoje do que foram nos primórdios do século XVI? Já que é preciso, Thomas trata de partir logo e ganhar o pão: mendigar, mas também estudar, mendigar para estudar na Alemanha... Tudo sob o tacão do primo germânico Paulus, admirado e temido pelo mais novo. Paulus também é neto do pseudocentenário avô, essa árvore da linhagem, esse carvalho por tão longo tempo verdejante e rígido, de que os descendentes Platter, cinquenta anos depois, ainda extraem força, orgulho e virilidade. O tio materno Simon zu den Summermatten encoraja Thomas à partida, que será definitiva.

Assim, o garoto deixa o Valais natal e, do outro lado do desfiladeiro de Grimsel, no plano mais baixo das montanhas suíças, descobre a civilização ou o que aí existe, quer dizer, as telhas, os fogões de faiança (tão admirados

duas gerações depois por Montaigne em seu giro helvético-alemão) e os gansos, que a criança não conhecia na região alta. Doravante lançado à estrada alemã, o pequeno montanhês dá de cara com os gansos, quase tão diabólicos como é demoníaco certo garoto chamado Carl, que espanca Thomas cruelmente depois de lhe dar uma moeda em troca da surra. A vítima, porém, vê-se despojada do dinheiro mal torna a vestir o calção. Após alguns dias de caminhada, Thomas descobre também a existência e as regras do jogo de xadrez, que até então ignorava. Sobreviver, e portanto mendigar, é preciso: o dialeto alto-valaisiano do jovem Platter, raríssimo em terras germânicas, torna-o popular junto a possíveis benfeitores; a caça ao dinheiro é rendosa, por menos que arrecade. Paulus está extasiado e, como vive às custas do primo, não hesita em lhe bater também, para que os frutos da mendicância sejam ampliados.

Voltemos aos gansos: o trajeto de Grimsel (via Lucerna e Zurique) a Breslau permanecerá na memória (seletiva) de Thomas como um longo período de confronto com essas aves. O menino, que deixou os “selvagens” concidadãos do Alto Valais, vê nos gansos o símbolo de uma cultura ou agricultura sofisticada: trata-se de uma descoberta. Rapidamente essas aves se tornam alvos dele, alvos roubados vivos e logo mortos para melhorar a alimentação do grupo – o grupo juvenil é comandado por um líder ocasional, Antony Schallbetter, jovem vigoroso, capaz de impressionar e dissuadir quaisquer agressores que nos extensos caminhos da Alemanha queiram atacar as crianças. Schallbetter dá um jeito de conseguir círios. Será que anda pilhando igrejas? Na verdade, ele é o único do grupo a dispor de apetrechos para a iluminação noturna. Sob suas ordens estão cinco ou seis rapazes ou vadios (os *bachants*), de cerca de vinte anos, a que se juntam três meninos, entre os quais Platter: pequenos “novatos” (sem escola) de onze a treze anos. Num meio-termo entre as crianças e os *bachants* encontra-se o primo Paulus: ele belisca as panturrilhas e as nádegas de Thomas e lhe dá bordoadas, com propósitos, digamos, mendicantes. O pequeno Platter, com sua habilidade montanhesa no lançamento de conca ou seixo, especializa-se na perseguição aos patos e gansos agrupados em rebanho comunal nos rios das aldeias por onde passam. A caça “aviária” é livre (se se crê em Thomas), com a condição de não se deixarem prender; esse é o costume pelo menos na Silésia franca, habituada às tradições comunais de antanho – província que o grupo terminará por alcançar de tarde, após ter atravessado a espessura do continente germânico. E acontece, então, um festival e festim de todas as espécies de gansos, ora previamente mortos a seixo (Felix, filho de Thomas, também será praticante desse esporte), ora roubados de uma fazenda, onde o proprietário os mantinha em regime de engorda para o dote matrimonial de uma

<sup>5</sup> Salve, Rainha (Maria), mãe de misericórdia; vida, doçura, esperança nossa, salve...



filha. Depois do roubo, o grupo prepara um banquete de gansos depenados, postos na panela com cabeça, tripas, patas e tudo. Em seguida, os garotos comem peixes (acompanhados de cerveja) roubados do fundo seco de um tanque cujo gerente acabara de esvaziar. Um lavrador cúmplice fornece a cerveja em troca de parte do butim “piscícola”. Thomas caça os gansos também com um bastão, espécie de bumerangue, para depois reparti-los com os amigos e, noutro lugar, dividi-los com um “mestre-escola”, que não tem o menor escrúpulo em receber sua porção de aves roubadas. É o próprio *magister*, aliás, quem incita os alunos à captura das imprescindíveis aves, ainda que tal captura seja desonesta.

De modo geral, o regime alimentar dos pequenos nômades<sup>6</sup> parece mais caprichoso que catastrófico, embora muitas vezes a dieta seja deplorável. No curso de algumas etapas, como por exemplo numa caminhada de Dresden a Breslau, na qual Paulus e Thomas passam fome, o regime é em grande parte produto de colheita: tubérculos crus e salgados, certamente, mas também bolotas grelhadas, maçãs selvagens etc. Doutra feita, em Breslau *intra muros*, come-se o rega-bofe: trata-se, plausivelmente, de ano de abundância e baixo preço de grãos. Como quer que seja, a cidade de Breslau (hoje Wrocław) é bem abastecida, dado ser epicentro de zona agrícola dos territórios ribeirinhos do Báltico meridional. Circunstância ainda mais agradável, a abundância de cereais nessa cidade é a origem do grande fornecimento de cerveja oferecido pelos agricultores poloneses, que não se privam de “embebedar” Tomilin e amigos. Tais patuscadas constituiriam, aliás, o único evento em que Platter, futuro memorialista, evocará a polonidade (parcial) da Silésia: o jovem alemânico esteve nesses dias faustosos, segundo consagrada expressão, “bêbado como um polonês”. Nessa época, a nação eslava já sofrera militarmente as pressões russas, enquanto Copérnico começava a elaborar em Frauenburg (Frombork) a cosmologia heliocêntrica. Ele anunciava um modernismo que se denominaria, com efeito, copernicano.<sup>7</sup> As preocupações de Platter, no entanto, eram outras.

\*

O abastecimento de bebida e comida é incerto. Os piolhos estão por todos os lados. Em Dresden, ouve-se-lhes o fervilhar nos quartos infestados. Nos leitos da albergaria de Breslau, a piolheira que se debulha como semen-

<sup>6</sup> Matthäus Schwarz, de Augsburg, mas de origem burguesa, também tomara a estrada, pelo período de algumas estações, ainda muito criança (*Un banquier mis à nu*, apresentado por Philippe Braunstein, Paris, Gallimard, 1992).

<sup>7</sup> Norman Davies, *Histoire de la Pologne*, Paris, Fayard (trad.), 1986, p. 322.

tes de cânhamo é tanta que o pequeno Thomas, Tomilin, prefere dormir no chão. De quando em quando, após catá-los da bata e lavar a camisa no Oder, ele joga o monte de ectoparasitas esmagados numa fossa especialmente cavada para isso. Por piedade ou diversão, cobre-os de terra, onde estava pequena cruz. Inseticida cristianizado? É a morte santificada dos piolhos...

Flagelo de natureza diversa, o crime, nesse nível inferior e móvel da sociedade, também parece florescente, ainda que, logicamente, o mundo germano-polonês não seja, em sua totalidade, puro e simples antro de vagabundagem. De vez em vez, o próprio Thomas anda com os ladrõezinhos dos grupos rurais, onde a cleptomania é admitida, mas castigada quando possível. Com as patas de um ganso escapando pela bainha da bata, Platter é perseguido (em vão) por camponeses munidos de machado, que querem recuperar a criação arrendada. Em sentido inverso, os adolescentes giróvagos estão expostos aos riscos da viagem, que pode revelar-se fatal.

Thomas evoca dois desses momentos perigosos: um, de noite e numa estalagem perto de Nuremberg, põe em cena um suposto assassino. O outro, refere-se a oito homens suspeitos, armados de bestas (os agressores de baixa categoria não têm condições de adquirir armas de fogo), pelos lados de Naumburg:<sup>8</sup> mais uma vez os jovens levam um susto; viverão situações semelhantes nas florestas da Turíngia, da Silésia... Essa é uma maneira de dizer, ou melhor, de sentir que essa Europa demograficamente esparsa às portas do século XVI, conquanto em rápido repovoamento, ainda se assemelha na parte alemã a uma vasta floresta, freqüentemente perigosa, ainda que repleta de consideráveis clareiras. Na mudança dos Alpes para a Sylve, Thomas nem sempre ganha. Mas pelo menos, assim que chega a Nuremberg e Breslau, ele já não ouve falar dos velhos amigos-inimigos montanhesees, os ursos: para ele os plantígrados já não passam de nome de moeda, o *batzen* (urso) ou quinta parte de um florim, o equivalente, ou quase, ao preço de mercado de um pato, de um ganso.

Notar-se-á também o caráter vago e extremamente impreciso da primeira geografia platteriana: como num sonho, o menino, em alguns meses, estações ou anos, vai de Zurique a Nuremberg e de Nuremberg a Naumburg, Dresden e Breslau, não sem idas e vindas que não podemos avaliar corretamente. Assim, foram visitadas ou pelo menos percorridas, com preocupações muito distintas da aprendizagem erudita do espaço, a Baviera, a Francônia, a Prússia, a Saxônia, a Silésia e talvez a Hungria. No que concerne a essas províncias ou nações orientais, não nos podemos convencer da ordem cronológica dada pelo narrador. Que diferença dos relatos de viagem

<sup>8</sup> Essa cidade pertencerá à Saxônia, e depois à Prússia.



dos dois filhos, Felix Platter e Thomas II (júnior), cujo "bom" meio sociocultural os transformará, ainda na juventude, em humanistas da Renascença: eles irão pormenorizar até mesmo as viagens a povoado próximo. Registrarão minuciosamente seus deslocamentos, o que não é o caso de Thomas "sênior", que permaneceu quase iletrado durante anos. Seja como for, Platter não demonstra a menor queda pelo diário de bordo, que conviria a tarefa desse gênero.

E a escola nisso tudo? O jovem andarilho valaisiano frequenta-a intermitentemente. Em Naumburg, Thomas mendiga, enquanto os companheiros vão cantar. Escoltado por um grupo de crianças nativas, o professor primário local quer obrigar os pequenos suíços a lhe seguir os ensinamentos (mediante imediato pagamento em dinheiro). Os jovens vagabundos mostram-se recalcitrantes e, numa emboscada, recebem-no a pedradas. A tropa parte, em seguida, após roubar alguns gansos. Em Halle (Saxônia), dá-se nova tentativa de escolarização; mas os *bachants* mostram-se tão odiosos com Thomas e o primo Paulus que, descontentes, os garotos vão para a escola de Dresden. Essa escola é tão medfocre e piolhenta que os dois levantam acampamento uma segunda vez e seguem para Breslau, perseguidos por dogues e acompanhados pela fome. Na capital da Silésia, onde abundam os víveres, os nômade vindos do oeste frequentam cursos na escola da igreja de Sainte-Elisabeth, de forte influência helvética. Cada paróquia breslaviana (são sete) tem sua escola. Na sala aquecida canta-se, fazem-se ditados. Os professores não possuem livros impressos, assim como os bandidos "primitivos" com que os garotos depararam na estrada nos meses precedentes não tinham armas de fogo. Um dos mestres, o único entre a dezena de pedagogos que ensinam alternadamente, dispõe de um Terêncio. Terêncio, um dos clássicos da época... Os *bachants* estão munidos de caderno: podem aproveitar muito mais o ensino do que os tenros meninos à Platter. Será que o ex-pastor de cabras de Grächen tem pelo menos um caderno onde escrever? Aparentemente não. Será que sabe escrever? Thomas, na verdade, passa a maior parte do tempo a mendigar em Breslau, onde chega a conhecer pessoas distintas, entre as quais, se dermos crédito à narração, um dos banqueiros Fugger. Platter sai-se bem melhor como pedinte, ainda mais por se valer da popularidade dos infelizes suíços, que, massacrados aos milhares pelas tropas de Francisco I em Marignan, gozam de certa simpatia por parte das populações alemãs. Thomas, nesse crítico ano de Marignan (1515), já está com quinze anos bem-vividos. Ele, que tivera de vagar muitos anos, do oeste para o leste alemão, irá em breve percorrer a mesma terra em direção contrária. A verdade é que para os andarilhos do século XVI atravessar de um lado a outro uma grande nação não era nenhum bicho-de-sete-cabeças.

O "remate" dessa escolaridade (?) intermitente dá-se em Munique (estamos, pois, de volta à Baviera). Nas cercanias da cidade severamente fortificada e protegida é preciso ter passe livre, invocar rapidamente uma relação, um conhecido, um senhorio, verdadeiro ou falso, para nela poder entrar e depois residir. Thomas, que chega de Dresden à capital bávara, é promovido ao posto de assistente de um fabricante de sabão, anticlerical (o que nessa região ultracatólica significa problemas) e marido de simpática mulher. Junto ao mestre, o jovem suíço ferve o sabão, e para tal participa da compra de cinzas no campo, o que o impede, perpétuo refrão, de terminar o ciclo de estudos primários. A escola, real ou imaginária, também serve de pretexto para que o adolescente, na condição de "ensinado", obtenha dos atentos poderes da cidade o direito de cantar para melhor mendigar nas ruas (Thomas, cuja voz já está mudada, progride na prática do canto). Ele considera que o sabão não alimenta o homem; além disso, a fome canina do insaciável explorador Paulus precisa ser saciada mais uma vez, já que o desagradável primo continua a viver à custa dele. Será que Lutero, que também fora pedinte-cantor quando jovem, conhecera semelhantes infortúnios?<sup>9</sup>

Outra mudança de cenário: depois de Munique, o garoto segue para Ulm, cidade pior que a anterior. Thomas viaja com Hildebrand Kalbermatter, filho bastardo de um padre valaisiano. Os dois meninos, queiram eles ou não, continuam debaixo do opressivo tacão de Paulus e Achacius, outro *bachant*, originário de Mayence. O grupo errante é, portanto, aberto aos não-suíços. Thomas e Hildebrand, porém, não ficam muito tempo em Ulm. Transitam entre a cidade, o Valais (retorno momentâneo à região) e novamente Munique. Não fazem a menor questão de se beneficiar da pedagogia, pelo menos no momento, nessa nova fase da biografia viajante. Os antigos "novatos" (!) cresceram: Thomas deve ter dezesseis anos agora e, a despeito de diversos esforços, não sabe ler. Passa o dia inteiro, ainda a serviço do infatigável Paulus, mostrando um tecido aos passantes para mendigar o pretenso custo da confecção ou do "feito" de um casaco. O "truque" dá certo até que os enganadores terminam por se deixar descobrir. Parece que Thomas esteve particularmente doente durante essas várias estadas em Munique, após o episódio inicial do fabricante de sabão (personagem que, contrariamente ao comum, se mostrara gentil com ele). Na realidade, no lado da opressão, os dois *bachants* iriam conservar ou retomar o hábito de fazer os meninos mendigarem à força. Eles obrigam Hildebrand a cuspir numa tigela para verificar se comeu algo do que colhera na natureza para Paulus e Achacius. Para sobreviver sofrivelmente, Thomas tem de disputar ossos com cães de rua e catar

<sup>9</sup> Ernest Lavisse, *Histoire générale*, Paris, A. Colin, 1894, vol. IV, p. 398.



migalhas nas fendas do assoalho, como um criado de quarto, mas com fins imundos. Por sorte, nessa vida picaresca, acontece-lhe ir dormir na casa de compassiva viúva, seleira profissional. O artesanato e a viuvez são, por então, os dois pilares, às vezes carcomidos, de certa emancipação feminina. A agradável anfitriã dá um prato de sopa ao jovem e cobre-lhe os pés com peles previamente aquecidas no canto da lareira (virtude soberana, uma vez mais, das fornalhas germânicas, se comparadas aos vetustos fogões franceses).

\*

Thomas já passa agora dos dezesseis anos. Deseja romper com Paulus. Problema de amadurecimento e também de rancor progressivamente acumulado em relação ao temível *bachant*: Paulus também se emancipa, mas de outra maneira: começa a perseguir as moças, principalmente a criada do fabricante de sabão, o qual desta vez vai pô-lo no olho da rua. Em Munique Thomas dorme em cima de sacos de grãos da feira e trava conhecimento com uma açougueira, antiga criada de albergue e helvetófila convicta. Achando o jovem despachado, ela o hospeda e encarrega das corvéias de cerveja ou da entrega de peles e carnes. Ameaçado de ser espancado por Paulus, que ainda deseja recuperar o antigo “escravo”, Thomas resolve sair de Munique e, com o coração apertado, deixar a amável açougueira, ao fingir um trabalho indispensável. Perene e exaustivamente usado pretexto: “Vou para estudar.” Após sair (discretamente) da grande cidade bávara, Platter pensa melancolicamente em rumar para Salzburgo, onde ainda não é atraído por nenhum festival (seus conhecimentos geográficos, como nômade profissional, já são consideráveis, ainda que não os conceba como corpo de saber articulado). Então a Áustria, após a Suíça, a Baviera, a Saxônia, a Prússia e a Polônia? Não tão rápido assim! Para chegar lá, Thomas vai fazer, diríamos nós, um “stop” na carroça de um camponês bêbado. Nesses tempos de geada forte, ele nem sequer tem sapatos, tão-somente meias rasgadas. Em Passau, as sentinelas dispostas nas portas das muralhas impedem-no de entrar. O jovem quer voltar às zonas helvéticas, através de Freising, onde o informam da presença de Paulus, que o procura, alabarda em punho. Platter não quer ficar outra vez sob o jugo dos *bachants*; já os alimentou suficientemente, e por vários anos, com o produto de seu peditório. Segue então (ou “ressegue”...) para Ulm, a dezenas de milhas de distância sem parada, diz. Em Ulm, passa a vigiar os nabos de uma viúva que outrora o acolhera; vigilância que se dá não muito longe das muralhas da cidade (a mulher dispõe de uma horta suburbana, semeada de couve e legumes diversos). Mas Paulus logo aparece. Perseguição eterna! Desta vez Thomas segue para Constance, rumo à terra natal.

No meio do caminho, sente muito medo de ser agredido por um cortador de pedras, que se revela um galhofeiro amante de piadas grosseiras: elas acionam mais receio que perigo. E ei-lo em Constance, encantado por finalmente avistar a blusa branca dos camponesinhos suíços. Platter, cuja cultura católica é total (ainda que perecível), quase se julga no paraíso. De Constance ele parte para Zurique, que está assolada pela peste, e imediatamente se reinicia o infernal ciclo: mendigar e, depois, pela vã esperança de obter algum bocado de instrução, alimentar os *bachants*, eternos “veteranos” dos esfomeados do Saber; ser novamente ameaçado por Paulus, que incumbe de recuperá-lo um jovem velho conhecido, Hildebrand, o filho bastardo de padre. Mas *basta!*

\*

Nesses anos difíceis, Thomas volta ao Valais duas ou três vezes: fica na casa da tia ou do primo (família-tronco não é mera força de expressão). Revê a mãe. É uma mulher rude, duas vezes viúva, casada pela terceira vez, já livre, como muitas camponesas, dos trabalhos agrícolas, que teoricamente eram considerados privilégio do “sexo forte”: ceifa do feno e debulha do trigo. Muito enrugada, ela diz ao filho encurvado com cólica de uvas verdes: “Se isso te dá prazer, morre logo”, ou ainda: “Foi o diabo que te trouxe até aqui?” É uma mulher honesta, direita e piedosa na opinião de todos. Mas, quando os filhos exageram no consumo de frutas verdes, as mães têm a língua afiada. O leite da ternura humana, Thomas tê-lo-á encontrado muito mais em companhia das tias ou dos cidadãos alemães do que no lar materno.

\*

Entre as diversas viagens, uma grande ausente: a morte. É impensável que entre os bandos de adolescentes e crianças, de *bachants* e pseudo-escolares errando através da Suíça e, mais ainda, através da perigosa Alemanha, não acontecessem algumas mortes. O próprio Thomas, que freqüentara o hospital e seus dissabores ao longo dos penosos invernos da Silésia, nada fala acerca de prováveis desaparecimentos de companheiros seus. Tabu? Lado esquecido da memória? Indiferença? O jovem Platter, contudo, é sensível; às vezes dá provas de verdadeira ternura. Na falta de óbitos, a infância é, por definição, amplamente representada nas Lembranças: Peter Laslett, autor de um *best-seller* da historiografia anglo-saxônica, *O mundo que perdemos*, queixa-se de que a documentação antiga, do período anterior a 1800 ou mesmo a 1600, não produziu senão breves referências à questão



infantil propriamente dita. Com Platter nosso historiador britânico foi bem servido! Suas Lembranças são um dos três ou quatro grandes testemunhos de crianças camponesas de que dispomos sobre o Antigo ou muito Antigo Regime: incluíamos os textos precisos e sem concessões de Jamerai Duval e do futuro capitão Coignet, dois meninos também mendicantes; além desses, concernente a uma classe camponesa mais abastada, o *Monsieur Nicolas* de Rétif de la Bretonne.

\*

Em Zurique, afinal de contas, Thomas não pode fazer nada de sério no plano intelectual. O novo companheiro, Antonius Venetz, convida-o então a partir novamente rumo ao norte, para Estrasburgo. A Alsácia encontra-se, na época, em plena mutação intelectual e religiosa, isso para não falar do sólido crescimento econômico e demográfico.<sup>10</sup> Thomas não diz palavra sobre esse assunto; suas preocupações não se estendem até esse ponto. Sobre a metrópole da Alsácia ele observa simplesmente: “Muitos estudantes pobres, escola ruim.” De Estrasburgo os dois jovens seguem para Sélestat. Realmente, a educação recebida aí é valiosa. Ah! o bom estabelecimento pedagógico do lugar também fervilha de estudantes pobres. Platter, que chega a Sélestat no mês de setembro de 1520, sofrera, pouco antes, uma crise de sufocamento pela ingestão ou indigestão de nozes verdes recém-caídas das árvores: sempre o hábito de engolir qualquer coisa, por falta de dinheiro e de alimentação saudável, disponível e adequada. Thomas tem então 21 anos (e não 18, como diz, equivocadamente na contagem de seus jovens anos). No ano seguinte, 1521, perto do dia de Pentecostes, o rapaz deixará Sélestat: é o ano, escreve-o expressamente, da dieta de Worms. Époça em que Lutero, convocado a comparecer à Assembléia imperial, retorque a Carlos V: “Eis-me aqui, não pude deixar de fazê-lo.” Thomas começa a manifestar interesse pela Reforma. Tomada de consciência normal, no mundo germânico, num jovem pobre que ainda não é intelectual e gostaria de o ser. Tal tendência reformista é de caráter muito geral; alguns anos depois culminará, em outros meios sociais, na Guerra dos Camponeses, cujos motivos serão evangélicos e “comunais” ao mesmo tempo.

De qualquer maneira, a escola de Sélestat é útil para Platter. Nela ele finalmente aprende a ler; com certeza em língua latina. Já não é sem tempo.

<sup>10</sup> Para tudo o que se segue, ver Philippe Dollinger, *Documents sur l'Histoire de l'Alsace*, Toulouse, Privat, 1972, p. 176 sq.; e mais genericamente Jean-Jacques Hatt, *Histoire de l'Alsace*, Toulouse, Privat, 1970, nos capítulos sobre a Renascença, especialmente p. 190 sq.

Johannes Sapidus (cujo verdadeiro nome é Witz) dirige a escola. Helenista de valor, Sapidus é hostil tanto às obscenidades quanto aos barbarismos, que também transgridem as conveniências. Deseja tudo o que muitos recusam nos dias de hoje: que os discípulos aprendam decorando e fortaleçam, pelo sagrado estudo do texto, a aptidão para a aplicação das regras gramaticais. Ensina fervorosamente os *Donatos*, tratados gramaticais da Antiguidade tardia muito populares na Idade Média e atribuídos, no século IV, a Aelius Donatus, professor de São Jerônimo e autor de um comentário sobre Terêncio. Sapidus é fiel ao humanismo renano, impregnado de *devotio moderna*: essa forma de piedade expandiu-se entre 1300 e 1500 (a partir dos modelos mais antigos) nas regiões flamengas e renanas... Ela insistia no cristocentrismo, na afetividade, no entusiasmo íntimo, na meditação, na virtude, no ascetismo, na interioridade subjetiva; recusava os ofícios longos, a hierarquia, as obras ou ritos formalistas, o apostolado, o proselitismo!<sup>11</sup> Foi popularizada pela *Imitação de Jesus Cristo*. Temia, no entanto, como se teme a peste, uma ruptura com os católicos romanos. Thomas, em contrapartida, acaba por romper com esses. Sapidus é mais reticente quanto a isso. Certamente detesta a corrupção do clero, mas rejeita qualquer reforma radical, do tipo luterano ou protestante, que transtorna o dogma e as estruturas temporais da Igreja.

A pedagogia do mestre alsaciano pretende-se muito simples, mas enérgica: “Na minha escola, se tu trabalhas, o curso é gratuito. Caso sejas preguiçoso, pagas até perder a roupa do corpo.” Platter e Venetz já são homens feitos entre centenas de alunos crianças; os dois estão cheios de sarna, principalmente Venetz, de quem certa manhã Thomas arranca a roupa como se tirasse o couro de uma cabra. Será que o destino do primeiro Platter, ex-guardador de caprinos, tangido como um cabrito, estaria traçado? Sapidus explica cruamente, diante do público estudantil, a desgraça física que vitima Antoine e Thomas: os ácaros. Platter, no entanto, guardará boas lembranças do grande pedagogo de Sélestat, a quem chamará “meu caro *Praceptor*”. Nessa pequena cidade alsaciana, cuja “biblioteca humanista” remete, ainda nos dias de hoje, aos faustos culturais do século XVI, Thomas, ao que tudo indica, não aprendeu absolutamente a escrever; mas pelo menos daí em diante saberá ler passavelmente e até gaguejar os já mencionados *Donatos*,<sup>12</sup> os eternos *Donatos*, formidável *best-seller* da pedagogia baixo-imperial, posto novamente em evidência pelos renascentistas. A *Ars major* de oito partes do

<sup>11</sup> Jean Châtillon e Pierre Debongnie, “*Devotio moderna*”, em M. Viller, Charles Baumgartner, *Dictionnaire de spiritualité*, Beauchesne, Paris, 1957, vol. II, pp. 714-747.

<sup>12</sup> Hatt, *op. cit.*, p. 190 sq.



Discurso de Aelius Donatus iniciou nos mistérios do latim considerável trintena de gerações estudantis há mais de mil anos. Thomas decora-o, já que ainda não sabe escrever. Não foi por nada que o século XVI cultivou as artes mnemônicas. Quando resolver sair de Sélestat, Platter disporá de boa “base” oral e latina, extraída dos métodos pedagógicos então vigentes. Por então o aprendizado da leitura era freqüentemente separado do da escrita. Tal separação subsistiria entre os alfabetizados do século XVIII, chegando até os do século XIX.<sup>13</sup> Além do mais, aos 21 anos já ser leitor “passável” não é nada mau (para a época). Quantos esforços da parte de Thomas, contudo, num longo decênio de infância e juventude, para chegar sofrivelmente ao patamar que qualquer pequeno estudante alcança hoje em dia sem muito sofrimento!

Thomas precisa deixar Sélestat, pois a mendicância, essa bolsa de estudos da Idade Média outonal, é insatisfatória. Numa cidade pequena, com 900 alunos, muitos dos quais pedintes, a generosidade das pessoas da região deixa de ser suficiente. Ao atrair uma clientela de centenas de estudantes, Sapidus forçosamente esvazia o mercado das esmolas. Algumas pessoas, entre esses “ensinados”, estabelecer-se-ão na região do atual distrito do Alto Reno; acabarão por tornar-se excelentes pedagogos, substituindo competentemente os grandes antecessores.

Platter retorna à Suíça depois do Pentecostes de 1521. Antes faz estada em Soleure: boa escola e alimentação adequada; perda de tempo, porém, devido aos intermináveis ofícios religiosos. A luteranização acontece até debaixo d’água. Thomas, que não esquenta lugar, mais uma vez decide fortalecer-se no vigor das origens valaisianas. Visita duas tias na terra natal; depois, já bem avançado na casa dos vinte, finalmente compreende estar no caminho da verdadeira alfabetização, após as numerosas tentativas infanto-juvenis. A prova? Em vinte e quatro horas (se se crê nele), ensina o á-bê-cê a um pequeno primo (na casa de uma das tias). O menino, Simon Steiner, terá para quem puxar! Tornar-se-á uma cópia do modesto mestre e, em Estrasburgo, será professor de terceira e depois de segunda série, ajudado pela amizade de Bucer. Como se vê, o aprendizado dos rudimentos (aqui a simples leitura) não passa forçosamente pela escola. Pode passar, e o interesse tem de ser grande, da boca de parente ou amigo mais velho para o ouvido de aluno mais jovem.

Thomas aprenderá a escrever em breve. O progresso não pára aí; um padre valaisiano lhe ensina “um pouco” da arte da escrita. Um pouco, muito... Na verdade, não há a menor dúvida de que por essa convivência com o padre pedagogo Thomas fez progresso fulminante não propriamente na arte

<sup>13</sup> François Furet e Jacques Ozouf, *Lire et écrire*, Paris, Éditions de Minuit, 1977, vol. I, p. 199 sq.

da cópia, mas na da redação. Na primavera seguinte (1522), nosso jovem deixa novamente os altos vales da Suíça meridional, depois de um adeus quase lancinante à mãe: ela não tem tão mau coração como ele julga em outra passagem do livro. “Que Deus tenha misericórdia de mim”, grita ela, “de mim, que tenho de ver três filhos caírem na miséria!” Sem a menor sombra de dúvida, a mulher, emocionada, lembra-se das filhas e filhos levados pela guerra ou pela peste. Aparentemente rude, a família preserva discreto tesouro de ternura, disponível aos membros necessitados ou em estado de total “penúria”. Tudo isso, no entanto, funciona conforme normas diferentes das nossas, *a fortiori* das de nossos pais e avós. Desembaracemo-nos de alguns estereótipos concernentes a esse assunto. O sociólogo Michel Fize<sup>14</sup> escreve em interessante e recente obra: “Da Roma antiga a 1945, o modelo de autoridade familiar que regia as relações pais-adolescentes não evoluiu em nada. O pai reinava como senhor absoluto da família...” Exagero? Thomas, com efeito, como muitos de seus semelhantes, mal conheceu o pai; a mãe, sem abandoná-lo totalmente, entregou-o aos cuidados das tias e dos primos... o autoritarismo geralmente vinha do lado masculino. Ainda muito jovem, o menino já ganhava a vida, ou pelo menos, a dos sucessivos patrões. Gerava-lhes renda, situação muito diferente da das crianças do fim do século XX, que dependem dos pais. Thomas conheceu a rudeza na família platteriana, largamente ramificada, firme e flexível ao mesmo tempo, mas conheceu também um mínimo de afeição ou de cuidados, sem os quais não teria sobrevivido. Na mesma ordem de idéias, Platter e dois irmãos (ele os tinha aos montes, com poucos sobreviventes) deixa o Valais mais uma vez, em 1522 ou 1523. Thomas escapa por pouco na nova travessia, pois que, no frio enregelante, quase morre ao descer desabalado a encosta nevada. Era como se nas longas peregrinações horizontais pelo Santo Império ele tivesse perdido um pouco do pé montanhês, que os irmãos, notáveis escaladores ou “descendores”, tinham sabido conservar por não terem mudado em nada seu estilo de vida. Thomas, no entanto, logo iria reencontrar tal pé montanhês.

Depois de deixar os dois irmãos em Entlebuch, onde se dedicarão a empregos mais modestos, Thomas instala-se em Zurique mais uma vez. Aloja-se na casa de uma mulher e cuida de seu bebê, Rudolf Gwalther. É ano de peste. Adulto, o pequeno Rudolf será o sábio pastor da igreja zuriquense de Saint-Pierre. Além da função parcial de *baby-sitter*, Thomas experimenta diversos pedagogos, entre os quais um certo Knöwell, que estudara em Paris,

<sup>14</sup> Michel Fize, *La Démocratie familiale, évolution des relations parents-adolescents*, Paris, 1990, Presses de la Renaissance. Citamos aqui um texto autopublicitário deste autor que resume um dos eixos essenciais do livro em questão.



onde adquirira o gosto por moças bonitas. Platter admira principalmente Myconius, conhecido como Oswald Geisshüssler, procedente de Lucerna, pensador original e sapientíssimo, para quem a divisa já não é estudar ou pagar (T 60), e sim trabalhar (intelectualmente) ou morrer. Myconius não espanca os jovens ouvintes (afinal de contas, alguns têm vinte anos ou mais), mas obriga-os, a Thomas particularmente, a transcender o conhecimento memorizado dos velhos *Donatos*. Daí em diante, os alunos devem assimilar o mecanismo da declinação e da conjugação latinas, verificadas nos textos do Teatro de Terêncio, dramaturgo de que Platter já ouvira falar, embora superficialmente e com antecipado gosto, na escola breslauniana de Sainte-Elisabeth. A fêrula de Myconius é vigilante, mas nada impressionante: em termos de agressão física, Thomas não recebeu do mestre mais que um tapa no rosto com as costas da mão. Mas ainda assim o aluno tem de pensar, e, a poder de muito esforço, termina por distinguir o nominativo do genitivo, e a terceira da primeira declinação.

Antes de mais nada, Myconius torna-se uma espécie de amigo de Thomas, por mais que sua afeição possa ser rabugenta. Frequentemente desnutrido, Platter consegue que o mestre o alimente em troca das vívidas narrativas de suas andanças pela Alemanha. Além disso, os dois se iniciam juntos (se tanto, Myconius tem certa vantagem) nas primeiras fases da Reforma protestante. As luzes bíblicas do Evangelho e a luta contra os “ídolos” começam a luzir. Ora, como cantor, Myconius (que não é padre), tem de trabalhar regularmente nas missas matutinas e de vésperas da igreja de Notre-Dame. Sempre esses cantos remunerados! Eles constituíam um dos ganha-pães dos clerigozinhos da época.

Myconius prefere dar muitas aulas a ter de officiar no estilo romano, ritual de que não gosta. E é de bom grado, então, que delega a Thomas, que lhe serve de cantor e sacristão, a função de berrar (*sic*) um réquiem em seu lugar. Mas o problema agora já não é berrar, e sim, principalmente, explicar o texto evangélico, à maneira nova dos luteranos e, em breve, dos zuinglianos. Nesse aspecto, Myconius tem sua importância na carreira “platteriana”, já que é amigo de Zuínglio, com quem se corresponde, acompanhando-lhe o início da carreira. Zuínglio (que tampouco gosta de determinados cantos) é às vezes mais extremista que os reformadores alemães; ele estreita laços com Lutero a partir de apaixonadas reflexões sobre a graça, o livre-arbítrio e o texto dos salmos ou de Santo Agostinho.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Acerca dessas questões, de resto controvertidas, ver J.-V. Pollet, *Huldrych Zwingli...*, Paris, Vrin, 1988, pp. 15 sq., 341, et passim.

Se dermos crédito a Platter, Myconius também foi, em outro plano, a antítese de um bando de estudantes desmiolados que se ordenavam e tornavam sacerdotes tendo por bagagem apenas algumas noções práticas dos cantos sacros, e nenhum conhecimento de gramática, e nenhuma meditação sobre os textos sagrados. Na opinião de Myconius, essas personalidades insignificantes não passavam de pseudo-estudantes que primavam pela ignorância.

\*

Por volta de 1522 Platter experimenta a ruptura religiosa; crise de identidade, brutal. Esse cataclismo pessoal irrompe cinco ou seis anos após a emergência pública de Lutero. Thomas, que gravitara expressamente na órbita desse reformador, deixa-se levar por seu pensamento, com que Zuínglio, líder espiritual e político dos heterodoxos zuriquenses, está longe de se identificar totalmente. Até a guinada individual, ligada às guinadas coletivas das grandes cidades suíças, Thomas permanecera um rapaz gentil, respeitador das pretensamente simplórias convicções herdadas das avós. Ele queria tornar-se sacerdote. Essa aspiração clerical revela o segredo íntimo das infindas peregrinações pela Europa – Suíça, Germânia, Polónia... – em busca da cultura alfabética, do saber ler-escrever, que lhe demorara a chegar dada a ausência de mestres devotados ou competentes, tão tardiamente encontrados! E depois, subitamente, na estada em Sélestat, o alfabetismo elementar, que lhe cai como um raio, transforma-o por inteiro. Sem embargo, não faltara sinceridade à original vocação eclesiástica. Mas bastaria o tonitruante sermão de Zuínglio em Zurique, no qual ele amaldiçoava os horrendos pastores culpados da perda dos cordeiros cristãos, para que Platter mudasse de opinião e aderisse completamente à Reforma.

Não obstante, Thomas, na infância, sonhara em servir, zeloso, um altar lindamente decorado, e invocara a Virgem, Santa Catarina, Santa Bárbara e finalmente São Pedro, respectivos protetores da infância, da instrução, da boa morte e da entrada no além. Todo um programa, todo um itinerário de vida, e depois o óbito. O apelo ao estado eclesiástico, enraizado na alma do pastor de cabras valaisiano desde a mais tenra idade, vinculava-se também, de seu ponto de vista, e desde muito cedo, ao desejo de ascensão e até mesmo de desforra social. Thomas e a mãe eram paupérrimos. O menino, no entanto, não queria senão ascender. Tinha a quem puxar, pois a família era abastada, pelo menos entre os antepassados e colaterais. Essa gente, os Platters (do lado paterno) e os Summermatters (do lado materno), possuía sua nobre e camponesa genealogia gravada em camadas rochosas. Um primo de Thomas, o velho Antony Platter, fora padre. E, sobretudo, o tio (irmão da mãe) fora castelão do distrito ou dezena de Visp; castelão não quer dizer de



modo algum nobre senhor, certamente, mas responsável civil, policial e militar por uma série de povoações; algo entre zelador superior de castelo e chefe local. E depois, subitamente, o Novo e até o Antigo Testamento caem como um raio sobre as pequenas, habituais e legítimas pretensões de um quadro familiar ou micronobilitário e sobre as visões presbiterais de Platter; caem como outrora caíam a águia e o urso sobre os cabritos das crianças pastoras montanhesas.

Desde que enfim o pôde ler, Thomas carrega no embornal um exemplar do Novo Testamento vulgarizado havia algumas estações pelos impressores. Brande-o a todo o momento; guarda-o de memória, engole-o, como fizera com os *Donatos*. Da gramática latina à gramática celeste, Platter, que tem a sua disposição, além disso, os conselhos de Myconius e os sermões zuinglianos, julga-se suficientemente instruído para refutar o culto aos santos, a começar pelo de São Pedro (São João, por sua vez, passará em breve um mau pedaço). Thomas integra-se na numerosa tropa de “heréticos” recentes que derrubam as teses professadas pela cristandade latina do primeiro milênio. Esta unia os céus ao mundo pela mediação da hóstia, no altar; pela presença real de Deus, no Santuário; pelo pontífice e pelos santos, nas relíquias piedosamente conservadas. Esses elementos formavam para as sacralidades do Alto um *ponto de inserção*, ou de encarnação, aqui embaixo, em nossa vivência terrestre.<sup>16</sup> De modo talvez desastrado, os luteranos, os zuinglianos e outros platterianos confundem essa sutura ou estrutura romana, absolutamente localizada, com o culto a Baal e seus ídolos, tal qual o estigmatizara a Bíblia, lida apressadamente pelas pesadas inteligências germânicas. E, assim, as luminosas unidades latinas, harmoniosas soldaduras do Celeste e do Terrestre, são substituídas pela dicotomia alemã, que separa de modo dramático o velho folclore tudesco das florestas ou dos elfos da pura claridade do Evangelho. Não há nada melhor que a provocação para fomentar as superações. E Platter, numa estada no Valais, decide queimar na lareira uma imagem de São João, notável estatueta de madeira, cuja pintura se cresta de imediato, formando terríveis bolhas, antes que o fogo destrua totalmente o objeto;<sup>17</sup> uma das belas imagens helvético-renanas da agonizante Idade Média,<sup>18</sup>

<sup>16</sup> Peter Brown, *The Cult of the Saints*, University of Chicago Press, 1981; trad. francesa, Éditions du Cerf, 1984.

<sup>17</sup> Sobre o iconoclasmo, ver Olivier Christin, *Une révolution symbolique, l'iconoclasme huguenot et la reconstruction catholique*, Paris, Éditions de Minuit, 1991; Robert Sauzet, em *Rev. d'histoire de l'Église de France*, vol. 66, 1980, pp. 5-15; Solange Deyon e Alain Lottin, *Les Casseurs de l'été 1566. L'iconoclasme dans le Nord*, Paris, 1981; para uma visão geral, o profundo e brilhante livro de Alain Besançon, *L'Image interdite*, Paris, Fayard, 1994.

<sup>18</sup> Ver a esse respeito o importante catálogo da exposição do Louvre *Sculptures allemandes de la fin du Moyen Âge*, Paris, RMN, 1992.

as quais atualmente enlouquecem leigos e antiquários. E é assim que Thomas, aos vinte e dois anos, realiza sua própria mutação cultural. Ele tem pressa de aprender a ler e escrever e de entrar no universo das letras, dos manuscritos e dos impressos.

Atravessado o espelho, o suíço já não tem de se alimentar do padre, do malévolos sacerdote retrospectivo; dos avaros eclesiásticos silesianos de outrora, que lhe recusavam a absolvição, e portanto a comunhão, e por consequência lógica o substancial repasto pós-comunhão, caso ele tivesse comido queijo de manhã. Thomas junta-se, então, ao fiel rebanho do Bom Pastor, administrador da carne e do sangue de seus cordeiros.<sup>19</sup> Depois de analisar bem a questão, o jovem transita da rude “ignorância” (que dissimulara com vasto saber agropastoril) para as novas idéias oriundas da cidade. Após a sacrílega passagem pelo Valais, ele volta a Zurique (em meados de 1525),<sup>20</sup> Piedosa marcha rumo à nova Jerusalém de Zuinglio. Adeus (não definitivo, com certeza) aos valaisianos. *Ciao*, camponeses! Os aldeões são intelectualmente nulos e só servem para cuidar das vacas, como depreciativamente escreveu Ulrico Zuinglio, ele próprio de origem rural. Mas é tão tentador cuspir na “sopa primitiva”, deleite do passado entre os verdes pastos da infância! Como a mariposa pela lâmpada, Thomas Platter vê-se atraído pelas espiritualidades roborativas encetadas por seus contatos zuriquenses, contatos *in situ*, que logo sofrerão um mês de interrupção devido à breve excursão que ele fará pela região do Uri: a viagem, metade pedestre, metade náutica, será marcada por monumental “bebedeira”, produto da generosidade de um mercador de vinhos. Será marcada também por uma tempestade no lago do Uri. A tormenta quase afunda a frágil embarcação que transporta, além do barqueiro, Platter e seus parcos bens. Acaso, vital ou mortal, a que se deve a futura redação de uma recolha de lembranças... Thomas, depois, volta a Zurique. Nesta cidade ele viverá castamente no quarto de um companheiro, na casa da velha, acolhedora e pertinente Adelaide, cujo comportamento é de uma mãe cafetina. Os dois jovens passam fome; na falta de algo melhor, tentam enganar o estômago com restos de salmoura cozida. Thomas, no entanto, não deixa o albergue, ou a ausência de albergue aceitável. Já é muito difícil cuidar do próprio corpo, infausta carcaça, triste choça onde a alma imortal usufrui de medíocre acampamento provisório. Mas de quem é a culpa? Os cantos de rua já não são rendosos ao cantor-pedinte, pois que são mantidos para só usufruto dos padres; ademais, os zuriquenses logo criarão uma esmo-

<sup>19</sup> Evangelho de São João, 10.

<sup>20</sup> Esse retorno é um pouco anterior ao colóquio de Badem (ver adiante), ele próprio datado de maio de 1526 (T 159).



la geral, para dar fim às velhas mendicâncias individuais, consideradas antigas e ultrapassadas...

Assim, Thomas sobrevive mal e porcamente, trabalhando a terra fora das muralhas, carregando lenha em troca de comida, ou bancando o sacristão. Ganha uns trocados, que todas as semanas tem de dar à velha Adelaide pela meia locação do quartinho. Por outro lado, “milita” em outra atividade, que lhe ameaça a própria existência: leva a correspondência de Zuínglio, Myconius e outros líderes protestantes endereçada aos discípulos “heréticos” dos cinco cantões. A tarefa de mensageiro traz-lhe maiores riscos por ocasião da conferência de Badem (1526); os católicos, ainda muito poderosos no Império e até mesmo na Confederação, tentam, efetivamente, calar a atraente boca da heterodoxia helvética e zuínglianã, agora em plena florescência. Os agentes franceses e, principalmente, os cidadãos francófilos são numerosos em Zurique, e essa é a primeira vez em que Thomas se vê diante da poderosa influência do grande reino, que fecha ao ocidente o horizonte de sua cidade. Grande barreira a oeste... Por certo as facções *welches* não ficariam descontentes de ver Zuínglio levado ao suplício sem nenhuma espécie de processo. Não obstante, o grande homem tem consciência dos perigos que o rondam; não sai de Zurique, onde é caçado por bandos de assassinos noturnos, cuja montaria traz os cascos cobertos com pano mas esbarra nas sólidas equipes de gorilas e guardas. Apesar disso, Zuínglio figura, não fisicamente, mas de coração e em espírito, entre os participantes da conferência de Badem, representado pelo amigo Ecolampade, que lhe acata as orientações e é seu porta-voz.

O vínculo entre as duas cidades, Zurique e Badem, é garantido por alguns “estafetas” (no sentido literal do termo); estafetas de boa vontade, cobertos de poeira e suor, dentre os quais figura Platter, além de muitos rapazes e até crianças. E é assim que chegam a Zurique os relatórios procedentes de Badem. Os conselhos e reações de Zuínglio endereçados a Ecolampade fazem o trajeto inverso. Uma carroça de feno, um carregamento de galinhas permitem a nosso valaisiano e companheiros concluir, despercebidos, a perigosa viagem. Alguns, com Thomas no comando, fracassam apesar de todos os ingentes esforços. As crianças, como em qualquer episódio de “resistência” com cheiro de clandestinidade, são mais sagazes que os adultos: é um garotinho, por exemplo, quem transporta, de Zurique a Badem, urgentes textos zuínglianos em forma de carta. Chega ao destino de noite, mas encontra as portas da cidade fechadas. O garoto, então, sobe numa carroça de feno que estava parada no local e dorme. De manhãzinha, sem saber de nada, o carroceiro entra em Badem com o veículo e a carga extra. Profundamente adormecido no berço macio, o carteirinho acorda na parada final, bem no centro da

idade. Esfrega os olhos, espreguiça-se no feno em plena rua, reconhece imediatamente a paisagem urbana e entrega a missiva ao destinatário; e tudo nas barbas dos capangas encarregados de prender os emissários protestantes. Ninguém sabe, ninguém viu...

\*

Após a súbita mudança religiosa, Platter dá início a um período de intensa fermentação intelectual e mais precisamente lingüística. Típico homem de certa variedade de *self-made-man*, mas não o que faz fortuna ao modo “americano”, Thomas, de um grande salto, emerge à cultura e, simultaneamente, à promoção social, que culminaria na origem de uma família de grandes homens. Outras linhagens e personalidades desse gênero, no antigo regime sociocultural (pensemos nos remotos antepassados dos Louvois, dos Colbert, dos Villeroy), são muito conhecidos, mas teremos a honra de poder investigar detalhadamente o início da trajetória ascendente desse ex-pastor. Por incompreendido orgulho, tantas famílias apagaram os vestígios do obscuro e genial antepassado original... Felix Platter rejeita esses escrúpulos petulantes, e prova disso é ele pedir ao velho pai, para nosso maior usufruto, que dite suas próprias lembranças.

\*

Mas ainda estamos em 1526: Thomas lança-se com gosto às perigosas façanhas de agente secreto e ao simultâneo aprendizado de três línguas e três gramáticas, a latina, a grega e a hebraica. (O erudito aprendizado do alemão clássico, o *Hochdeutsch*, certamente conhecido pelo jovem – ele cita a Bíblia luterana –, permanece a última de suas preocupações, e ele não escreverá muito senão no dialeto basileense. Quem o quer não é Lutero, renovador da língua d’além-Vosges.) No que concerne à tríade de línguas antigas, Platter, por falta de tempo livre, adquire certos hábitos. Durante a noite, mastiga nabos crus e até areia, com água gelada, para conseguir ficar acordado e passar mais tempo de olhos abertos com a cara enfiada nos livros. Será preciso ensinar essa fórmula a nossos candidatos a títulos ou cargos acadêmicos quando eles ficam enfurnados dia e noite “no cubículo” a fim de se preparar para o exame? Platter chega a comprar uma Bíblia hebraica proveniente de Veneza com o dinheiro da modesta herança materna. Contato inicial dentre outros, completamente pessoal e possessivo, com um livro, o Livro por excelência. Thomas, nessa época, é alimentado, hospedado e aquecido por Myconius; sê-lo-á depois por outras personalidades de Zurique e das aldeotas vizinhas,



com a condição de ensinar a essa gente o idioma do Antigo Testamento.<sup>21</sup> Ele ensina-lhes hoje o que ignorava até ontem. Na Renascença a “reprodução” cultural caminha a passos largos. A cultura é passada de homem a homem por contágio, como a peste.

O hebraico, porém, não lhe basta, ainda que se meça, nesse simples dado, o extraordinário salto para a frente dado pelo ex-iletrado, já humanista e meio sábio. E no entanto... em outra ordem de idéias Thomas se mostra sensível à propaganda “obreirista” emanada de Zuínglio e outros reformadores, partidários da eminente dignidade do trabalho manual (Adão cavava, Eva fiava, Jesus carpintearava) e também receosos, como depois o seriam Richelieu, Colbert e Voltaire, de uma superprodução de padres e de latinistas; resumindo, de intelectuais. Ganhar o pão com o suor do próprio rosto! Com idéias semelhantes, despovoam-se certas universidades ou grandes escolas do século XVI, e produz-se então o anticlericalismo, em pleno progresso entre 1525 e 1529, o qual trata indiscriminadamente de “padrecos” os estudantes e os leitores de toda a espécie, sem levar em conta os matizes. Após alguns períodos hebraizantes que não ficarão sem desdobramento, é inaugurada na vida do jovem Platter uma nova etapa, em que ele se vê como aprendiz de um mestre artesão e, ao mesmo tempo, como exaustivo estudante, com os olhos “grudados” nos livros, enquanto as mãos operárias se atarefam em inédito trabalho.

\*

Os acasos da escolha de uma profissão, nesse tipo de vida ativa, ainda que momentânea, levam-no a se iniciar nas artes cordoeiras, numa escolha também resultante do encontro casual com um jovem mestre dessa técnica. Com parte da herança materna o ex-valaisiano compra um quintal de cânhamo (a morte da mãe, que não o entristeceu muito, dera-se em 1525 ou 1526, como somos informados de passagem). Thomas exercita-se na casa do novo amigo “magistral”. Cânhamo na mão, trança a corda: o jovem patrão, apesar de se apresentar sempre elegantemente vestido, deve estar financeiramente “a zero”, pois se mostra incapaz de fornecer a matéria-prima ao novo empre-

<sup>21</sup> Thomas Platter anota a esse respeito o exato momento (T 74 e 161) em que ele emerge um pouco da pobreza (*armut*), e em que terá doravante, todos os dias, uma refeição leve (*zu ymbiss*): com efeito, isso coincide com a época acima, em que foi sobretudo pedagogo dos dois filhos do zuingliano radical e conselheiro de cidade Heinrich Werdmüller, dois filhos que no futuro abraçarão a carreira eclesiástica e a pedagógica. Algum tempo depois, Thomas comerá, ainda ocasionalmente, carne de vaca na casa de um certo cordoeiro rubicundo... Não haverá muito mais que isso em sua vida de indigente. Mas dá-se aí tanto uma ruptura como uma reviravolta psicológica, e existencial, das mais importantes na biografia do ex-valaisiano.

gado. Mas talvez não se trate senão de uma das antigas regras do sistema corporativo, que exigia que o aprendiz recentemente contratado contribuísse com algum capital para o fundo comum, no caso a fibra têxtil. Ela cobriria as despesas com a formação profissional de que usufruiria o neófito.<sup>22</sup> Platter, doravante artífice, adota assombroso ritmo de trabalho: enquanto o mestre dorme (Thomas mora com o patrão), o jovem lê e depois anota febrilmente Homero e Píndaro; o antigo pastor torna-se o Gargântua do pobre, assimilando a um tempo a cultura intelectual e a manual.

Quando enfim já sabe mais ou menos, ou melhor, antes mal que bem, confeccionar uma corda, Platter nada mais tem que fazer senão deixar o detentor do buril, como outrora fizera com o primo-*bachant* Paulus. A escapada impele discretamente o habitual fujão a uma estada sabática na casa de sua antiga locadora, a sagaz Adelaide. Platter, porém, não tem a menor intenção de farrear com o enxame de raparigas controladas pela mulher. Ele aluga um quartinho no bordel, e é exatamente nesse oásis prostibular que tranquilamente lê Eurípidés, cujo exemplar fica repleto de anotações provenientes das seis semanas ininterruptas do retiro estudantil, por todos ignorado. Thomas permite-se apenas os prazeres simples... Será que Zuínglio, o puritano, passou por ali? Na verdade, nosso neocordoeiro nada dirá de suas fornicações, se é que as praticou. A seguir, Thomas decide botar o pé na estrada. Novamente! Troca Zurique por Basileia. Terá temido a ira do patrão abandonado? De qualquer maneira, para se fazer digno de tal partida, ele julga necessário lavar-se completamente, coisa que, sem dúvida, não faz há muito tempo. Suas estreitas relações com o mundo dos bordéis, que por outro lado monopolizam as termas, facilitam-lhe a operação. Numa instalação controlada pela proprietária, o banho quente acaba por acarretar a Platter um mal-estar acidental, seguido de involuntária queda, que por sua vez culmina num banho noturno de lama. Será que foi tão ruim assim ter-se limpa-do de uma só vez da imundície acumulada em muitos meses, ou muitos anos? Escaldado, depois resfriado, mas, afinal de contas, desodorizado (apesar da lama final?), Thomas tem apenas de pegar na trouxa para chegar em dois dias a Basileia, onde fixará residência e os novos talentos artesanais e pedagógicos.

O início basileense é difícil: Thomas emprega-se na oficina do Mestre Hans Stähelin, um cordoeiro rubicundo de origem suábica, instalado perto do mercado de carne. Essa violenta personagem, que tem sempre um insulto na ponta da língua, não é muito querida pelos empregados. Vemos aí uma das

<sup>22</sup> Alain Belmont, em sua tese recente (não publicada) sobre *L'Artisanat à Grenoble du XVI<sup>e</sup> au XVIII<sup>e</sup> siècle*, estuda com precisão esses problemas de aprendizagem, em zona alpina e subalpina.



raras alusões na prosa de Thomas, se não à luta de classes, ao menos à rudeza das relações entre os grupos sociais. Seu filho Felix não será muito loquaz a esse respeito. Como quer que seja, Thomas consegue empregar-se facilmente na oficina devido à impopularidade de Stähelin: ali ninguém se acotovelava para pedir uma colocação. O cordoeiro rubicundo, doravante, trabalhará com um aprendiz e dois artífices, entre os quais Platter, que se pretende, não sem exagero, cordoeiro novo em folha, depois do autêntico estágio na oficina zuriquense. A alimentação servida por Stähelin é péssima, como o queijo podre que, assim que ele se ausenta, sua mulher joga apressadamente pela janela. Como o aquecimento é praticamente nulo, o inverno é difícil de suportar. Thomas, pouco hábil na profissão, é chamado de cara-de-vaca pelo jovem aprendiz (T 80). O próprio mestre, sem dúvida, não é muito mais amável: não gosta que o ex-valaisiano, transformado em zuriquense casual, e agora em basileense, passe os domingos e feriados, as madrugadas e até as horas de trabalho a ler ou decifrar o Plauto. Plauto, Platter... As páginas do livro do autor cômico latino são desencadernadas e artisticamente escondidas num embrulho de cânhamo até que Stähelin perceba: o homem se vale da descoberta para explodir em injúrias terríveis.<sup>23</sup> O supremo insulto lançado a Thomas é chamá-lo "padreco". Vê-se o alcance da propaganda zuíngliana: o trabalho clerical ou tão simplesmente intelectual não tem boa reputação também na Basileia. Não obstante, com o tempo o cordoeiro rubicundo se habitua a Thomas: ele é o único na empresa que sabe ler e escrever; pode, então, fazer registros, contabilizar as entradas e saídas de material, de salários etc.

\*

Talvez ao preço de uma diminuição salarial, Stähelin até permite que Thomas lecionasse hebraico, às segundas-feiras e durante uma hora, na escola da igreja de Saint-Leonhard. No início os dezoito alunos se esbaldam de rir da aparência imunda do cordoeiro que são obrigados a assumir como novo professor. As aulas, indubitavelmente, são pagas. Os valaisianos são apegados ao dinheiro. O jovem "professor", que se veste de maneira estranha, é muito competente e não perdoa os erros. Pela primeira vez Thomas adquire *status* e estatura de intelectual: frequenta o pequeno, brilhante e modesto grupo dos humanistas basileenses. Um de seus membros é o impressor e livreiro, e editor de Plauto, Cratander, conhecido como Andreas Hartmann, originário de Estrasburgo: a ligação entre a Reforma basileense e a heterodo-

<sup>23</sup> Stähelin é da Suábia (província da Alemanha). Pertence, portanto, a uma população regional a que comumente se atribui certa grosseria.

xia estrasburguesa, nessa época, é frequente e direta. Germanofonia *obligel* Genebra, em contrapartida, permanece afastada das cidades marginais ao Reno. Mas isso irá mudar. Calvino está-se aproximando... Calvino, essa ponte firme e indestrutível, logo lançada entre germanos e gauleses a pretexto de "heresia"... Thomas também se relaciona com Beatus Rhenanus, eruditíssimo colaborador de Amerbach e grande impressor local; em pouco tempo Beatus se tornará uma das glórias científicas de Sélestat e da Alta Alsácia.<sup>24</sup>

Finalmente Platter conhece Oporinus, também chamado Johann Herbster, basileense, professor e depois impressor, que um dia será responsável por magnífica edição de um tratado de anatomia de Vesálio. Thomas também utiliza em suas aulas a gramática hebraica publicada em 1524 e assinada por Sebastian Münster, lingüista-cosmógrafo que se instalará em Basileia como professor de hebraico apenas em 1529. A fase pedagógica da ação platteriana em Basileia data, no máximo, do ano de 1528, quando o cordoeiro casual tem apenas vinte e nove anos (ou menos ainda). Essa cronologia é de fácil dedução: Thomas diz conhecer Münster apenas por meio da famosa gramática, que ele ensinou aos alunos antes de se ter encontrado pessoalmente com o autor. A trajetória de Thomas cruza-se até, uma única vez, com a de Erasmo, então de passagem pela cidade. O humanista dirige algumas amáveis palavras ao ex-pastor. Erasmo deixará Basileia (onde morava desde 1521) em abril de 1529, o que confirma a cronologia precedente. Platter conhece também um jovem algo fabulista, a quem inicia no estudo do hebraico. O rapaz, em seguida, fará por quase uma década a peregrinação dos rabinos judeus de Creta, da Ásia e da Arábia (?); pelo menos é o que pretenderá ao se despedir, posteriormente, das relações helvéticas.

Nas aulas de hebraico, produtoras de sociabilidade, Platter gosta de comentar a passagem bíblica do profeta Jonas, personagem que ressuscita numa praia depois de ser cuspidor por uma baleia, ou monstro marinho, após três dias em seu ventre. O monstro, assim designado, representa muitíssimo bem o Anticristo, ou a Igreja Romana, na propaganda um tanto simplória, sem dúvida, dos zuínglios. Tópica ou não, a mordaz alusão agrada a Thomas, que a incute prazerosamente nos ouvintes.

Após as místicas fases platterianas, tanto no Valais quanto em Zurique, é o estádio pedagógico que se afirma em Basileia, estádio que perdurará até os últimos anos do ex-andarilho. Ele já não se restringe às aulas particulares de hebraico, ministradas (como nos anos precedentes) a alguns habitantes do grande subúrbio zuriquense; trata-se, agora, de verdadeiros e magistras cursos dados por Platter a uma vintena de potenciais hebraístas reunidos na igre-

<sup>24</sup> T 80; e *Histoire d'Alsace*, de Ph. Dollinger, *op. cit.*, p. 194.



ja basileense de Saint-Leonhard. O que é por demais oportuno ao convicto antipapista Thomas, que em Basileia, sob a orientação de Ecolampade, está em vias de empreender sua revolução protestante. Tal revolução se concluirá, em detrimento do “papismo” local, em fevereiro de 1529.<sup>25</sup>

\*

Do ensino à tensão. As primeiras experiências docentes de Thomas são repentinamente interrompidas por uma guerra esquisita, na verdade uma farronada que os basileenses reformados, do mesmo modo que os amigos confederados de Zurique e de outras partes, infligem aos cinco cantões católicos (Lucerna, Uri, Schwyz, Unterwalden e Zug) no fim da primavera de 1529. Aos trinta anos, Thomas Platter é um azougue no pequeno exército; carrega a couraça do patrão, o cordoeiro rubicundo; transporta vinho para os futuros combatentes ou negociadores; presta serviço aos estados-maiores divulgando-lhes as mensagens. O conflito termina em Cappel com um cessar-fogo, por volta do dia de São João de 1529. Uma imensa panela de sopa com leite, de que se fartam os dois partidos, o católico e o protestante, simboliza o fim do minúsculo conflito, grande, no entanto, em ressentimento e ódio. Os basileenses exigem a queima cerimonial do pérfido tratado anti-herético acordado pelos cantões papistas com o rei dos romanos, Ferdinando de Habsburgo. Traição reduzida a cinzas, sob o olhos atentos de Thomas! Alguns moderados do acampamento protestante-basileense bem que gostariam de ler o texto maldito antes da incineração, mas os extremistas do anticatolicismo militante ameaçam recorrer à violência caso não se destruam imediatamente as malfadadas e condenáveis páginas. Zuínglio esforça-se até o fim do conflito para que a paz de Cappel, que ele julga precipitada, não aconteça. Ele acha que um tratado de “apaziguamento” desse tipo poderá engendrar o germe de uma nova guerra... em que, de fato, ele encontrará a morte, em 1531. Apesar disso, o moderantismo de 1529 acabará por fazer escola na Suíça, em forma de coexistência entre as duas confissões, o que, apesar do acidente de percurso (vindouro) de 1531, evitará aos confederados o fanatismo e os horrores das guerras religiosas que assolarão a vizinha França, trinta ou quarenta anos depois.

\*

<sup>25</sup> Émile G. Léonard, *Histoire générale du protestantisme*, Paris, PUF, 1961, vol. I, p. 140; e Basler Chronik..., ed. 1765, reprod. 1883, pp. 396-418 (ver *infra*, Bibliografia).

Ao retinir temporário das armas, assim como aos discursos inflamados de Zuínglio, seguem-se períodos mais calmos para Thomas. Tais períodos chegam a ser idílicos (teoricamente...), considerando-se, é verdade, seu modestíssimo estilo de vida, estagnado no mesmo nível. Será que Thomas anda cansado do tipo de existência que, recém-chegado de Zurique, leva pela segunda vez na casa da velha alberguista “bordeleira” Hut Macherin? Nesse albergue ele mora com o jovem amigo valaisiano Simon Steiner, a quem conheceu criança na casa de uma das tias e ensinara o á-bê-cê. Os dois continuarão íntimos mesmo depois, quando Simon for dar aula em Estrasburgo. No fim do verão de 1529, período da coabitação zuriquense, Simon vive de sopas populares, distribuídas no mosteiro desativado dos frades (dominicanos). Este é o período, capital, em que Platter se casa com Anna Dietschi, criada do Mestre Myconius. Nascida em 1497, ela é, portanto, dois ou três anos mais velha que o marido. A moça pertence a uma família da própria Zurique, formada por burgueses, ourives e nobres, em cujo brasão consta uma coroa de ouro. Sociologia enganosa: afora um punhado de moedinhas, Anna casa-se sem dote, e não sem motivo: pertence ao ramo pobre, rural, da prestigiosa linhagem dos Dietschi. É filha de camponeses. O irmão é um modesto fabricante de cestos, assentos e vassouras em Lucerna...

Órfã de pai e mãe, a jovem trabalha desde muito nova como criada para todo o serviço. É ativa e diligente serviçal. Trabalhando o cânhamo, suplementa os rendimentos do patrão Myconius, e confecciona as ásperas peças do próprio enxoval. Anna não é mendiga: nunca dormiu na palha antes do casamento (ocasionalmente, Thomas fará com que ela participe dessa experiência noturna, de que fora íntimo por muito tempo, tanto na Suíça quanto na Alemanha e na Polônia). A moça é tímida e religiosa como o marido. Embora recém-saídos da adolescência, os cônjuges observam os costumes pós-nupciais difundidos na Europa cristã: abstêm-se de dormir juntos por dois meses. As dificuldades habitacionais explicam um pouco tal atitude: o casal continua morando separado, ela com Myconius, ele no albergue de Macherin. Ambos, portanto, de bom ou mau grado, irão prolongar, por mais que não seja razoável, o período da obrigação (?) de reserva. Só se decidem a encerrá-lo por causa das afetuosas e bem-humoradas admoestações de Myconius: “*Wen wil tu by dim Anni ligen?*” (T 86) (“Quando é que vais dormir com a tua Anna?”) Depois de algumas semanas, receando principalmente cair no ridículo, eles resolvem alugar por uma noite a casa de um padre a quem Platter ensinara hebraico. Dada a falta de atividade conjugal, desde o início da lua-de-mel, Anna, retrospectivamente, fornecerá a um Thomas já velho a oportunidade de refletir sobre o aumento de salários no século XVI: seu salário de criada é dois terços inferior em valor nominal ao que eles



pagarão quarenta e três anos depois, ou seja, em 1572, ano da redação das Lembranças do valaisiano. Mas em valor real... a alta dos preços terá verdadeiramente mais do que compensado, em meio à “pauperização” da empregada doméstica, essa aparente elevação salarial.

Mais prosaicamente, Anna e Thomas verão a vida conjugal embaraçada por problemas domésticos, particularmente brigas relacionadas a dívidas, a questões de dinheiro; com o tempo, porém, essas querelas acabariam por ser mais estimulantes que debilitantes para a união. Mas não digamos que tais arengas pós-nupciais constituam “excelente terapia preventiva da separação, uma espécie de seguro-longevidade do casal”, ainda que esse casamento esteja efetivamente destinado a durar sem maiores problemas até a morte de Anna.<sup>26</sup> Depois de algumas semanas em Zurique, Platter e a mulher resolvem voltar para o sul: o jovem marido exercerá, no Valais natal dos Platter, a dupla profissão de pedagogo e cordoeiro. Thomas e Anna formam uma dupla têxtil: ela nos fusos e na roca; ele nas cordas. Uma das primeiras etapas da amena viagem dos Platter vai até Sarnen, no cantão de Unterwalden, região de beberrões inveterados, se se der crédito aos relatos helvéticos de então, talvez exagerados. Completamente embriagados, o estalajadeiro local, alaudista, e sua mulher têm certa dificuldade em arrumar a cama do jovem casal. Depois, cada um passa a noite deitado num banco. Ao amanhecer do dia seguinte, recuperado da monumental bebedeira, o taberneiro encontra um jeito de apresentar a conta (salgada?) ao nosso conhecedor de línguas antigas.

De Unterwalden a Visp (no Valais), acima dos Alpes e do desfiladeiro de Grimsel, a trajetória seguinte divide-se em duas fases. O segmento inicial não é agradável. O casal tem de alimentar-se de pão duro e, principalmente, enfrentar a neve das alturas, que congela a roupa e o corpo da mulher, roxa de frio. É preciso enfrentar os instintos antizuriquenses (hostis aos zuinglianos) dos nativos do Alto Valais, que permanecem católicos. Ao descer, porém, para Viège-Visp, Thomas e Anna, apesar dos pesares (T 88), acabam por encontrar gente de bem! Primeiro um barbeiro-alberguista nos banhos de Brigg, bons para membros com problemas, fluxos nasais, tremores, surdez e cãibra. Depois a dona do albergue, companheira ilegítima do estalajadeiro. Essa mulher tivera um filho em Zurique. Em seguida deixara o colérico pai da criança, que logo morreria como herói nacional na próxima guerra helvética e protestante. Morreria pela Suíça. Mas qual delas? Imediatamente adiante, e um pouco mais alto nas montanhas circunvizinhas, Thomas reencontra uma das irmãs, Christine, acompanhada do marido, dos nove filhos e

<sup>26</sup> S. Coignard, “Scènes de ménage”, *Le Point*, 7 de dezembro de 1991.

de duas, supostamente centenárias, tias do cônjuge. Christine entrega a Thomas o restante de sua minúscula herança materna: roupas e um asno. O animal, para conforto de Anna e Thomas, carregar-lhes-á toda a bagagem até Viège-Visp.

\*

E é aí, numa das primeiras vezes de sua jovem vida, que Thomas conhece genuíno bem-estar, por volta de 1530. Ele exerce duas profissões paralelas, a de cordoeiro e a de comerciante (quer dizer, revendedor de vinho e maçãs para consumo dos jovens alunos varões; maçãs que pôde comprar com o dinheiro emprestado pelo tio Antony Summermatter). Thomas torna-se também e, principalmente, o preceptor local dos referidos escolares. Nessa época, tal profissão, que nos campos e nas montanhas ainda conservava boa parte de seu prestígio, lhe rende deferências, vinho e presentes de toda espécie. Ele e a mulher moram gratuitamente numa bela casa funcional, com janelas envidraçadas e cama. Os pais dos alunos (Thomas ensina a trinta crianças no verão, e apenas a seis no inverno) pagam-lhe (outra versão monetária) com leite, legumes e peças de carneiro. As numerosas primas de Platter – ele tem *in situ* pelo menos setenta e duas solteiras – presenteiam-no com ovos, e manteiga e queijo de boas vacas leiteiras. O professor pode até economizar. Quando deixar a região, levará consigo treze peças de ouro. As dívidas, que tornarão a importuná-lo, não passam agora de desagradável lembrança. Por ser a instrução pouco difundida no meio plebeu dessa época, sua obtenção demandava grande esforço; quem, no entanto, finalmente conseguisse adquiri-la teria condições de sair da miséria em que estivera engolfado até então.

Esse conforto é completamente novo para Thomas? Certamente. Trata-se de materialismo hedonista? Logicamente não. E, antes de mais nada, a população do alto vale do Ródano esperava por ele “na esquina”. Platter sabia, desde a mais tenra infância, assim como todos à sua volta, até os que viviam a boa distância de sua aldeia natal, dentre os quais as setenta e duas primas ainda donzelas do lado Summermatter, que estava destinado (T 90) a ser padre; destino por celebrar na paróquia valaisiana com uma memorável primeira missa, em que ele seria coberto de presentes pelas dezenas de moças que desfilariam na igreja para a tradicional oferenda dessa grande ocasião. Em sua ausência, as mulheres, até as dos mais distantes recantos dos altos vales regionais, já haviam evocado essa brilhante e apaixonante perspectiva. Por isso, que decepção para essa gente ainda presa à Igreja Romana, e naturalmente clerical, ver o jovem retornar à pátria-mãe acompa-



nhado de esposa, uma vendedora de maçãs para colegiais, uma espécie de mulher de padre falido, que não poderia ter senão, com o perdão da palavra, modos de semiputa (*huren*) (T 50)! Chocante expressão para o pobre Platter, cuja companheira, como já vimos, é de fato absolutamente virtuosa, à imagem e semelhança do marido. E o pior é que Thomas ainda se vê obrigado a ir à missa e até cantar na igreja desse lugar perdido, desse buraco afastado e intolerante: tarefa quase obrigatória de qualquer professor do Antigo Regime digno desse nome. Ora, a missa é um peso para Thomas, dá-lhe engulhos. Ele não gosta de participar dessa comédia, que lhe agride a “consciência”, diz. Quer poder expressar-se livremente, apesar de ele próprio não ter dado liberdade alguma ao pobre São João, condenado às chamas na lareira.

Thomas não fica muito tempo com sua gente: volta momentaneamente a Zurique com o propósito de se consultar com seu pai espiritual, Myconius. Um pai... e quase sogro, que generosamente lhe dera por esposa a própria criada, a quem, por acaso, ainda deve um total nada desprezível, que jamais pagará, de salários atrasados. Vê-se que o homem piedoso e sábio também pode ser unha-de-fome, ou curto de dinheiro... Consultado, o mestre zuriquense aconselha Thomas a deixar o Valais idólatra e voltar para Basiléia, onde existem mais oportunidades. E, assim, Platter despede-se da boa vida valaisiana, das peças de carneiro, da manteiga e do queijo, depois de ter provado da abundância, mas por muito pouco tempo...

É nessa época, entretanto, antes da partida definitiva para o norte, que Thomas medita, a partir de certas experiências recentes ou rememoradas, algumas das cruciais provações da vida do montanhês ou simplesmente do suíço e do europeu (ou européia) de então. Essa meditação não traduz, absolutamente, seu habitual tríptico “fome, peste, guerra”; em estilo menos trivial, concentra-se no frio ou, mais precisamente, na neve; na peste, claro; e... no parto, como passagem para a vida e, mais de uma vez, como passagem para a morte. Obyiamente, a neve a que ele se refere é a da altitude: ao voltar de Zurique, onde, como vimos, fora pedir conselhos “emigratórios” ao Mestre Myconius para a cura de seus problemas de consciência, Thomas, mais uma vez rumando para Valais, tem de suportar a árdua passagem alpina do Grimsel, em companhia de um dos jovens alunos. Os dois viajantes (T 91) quase se congelam na neve espessa. Uma única solução apresenta-se nesse caso: a do alpinista de sempre; do alpinista *avant la lettre*. Mexer-se, mexer-se sem parar, andar para não desanimar e evitar o imobilismo entorpecido, a morte. Antigas técnicas! Platter obriga o aluno a movimentar-se também. E é assim que os dois conseguem salvar a pele, provavelmente no início de agosto de 1530...

E Platter, com o fito de relembrar outra passagem na altitude, relata

aquela também extremamente “gélida” em que, sozinho e sem muita experiência montanhês, por pouco não “passa desta para melhor”. Caído na neve e invadido por agradáveis sensações, já que o calor lhe saíra mortalmente do coração para reaquecer as extremidades (essa pelo menos é a explicação “psicológica” que ele dá *a posteriori* do fenômeno), Thomas, numa alucinação, vê um homem aparecer e dizer-lhe energicamente, como no Evangelho: “Levanta-te e anda.” E é o que faz, conseguindo evitar, por um triz, o destino de certo *Hibernatus*, perdido aqui, nas geleiras dos Alpes tiroleses, quatro mil anos antes. Tema semi-onírico, semi-realista, de que o japonês Kurosawa também trataria na seqüência himalaia de um de seus filmes. Na obra do cineasta nipônico, porém, não é um ser e suas palavras divinas que é visto, e sim uma jovem sorridente, que aparece ao alpinista exausto e entorpecido para pô-lo no reto caminho do despertar e do retorno, não em direção a um abrigo nas alturas, como no caso de Platter, mas, através de enormes geleiras,<sup>27</sup> rumo ao acampamento de base.

Neve, peste... O ex-pastor já havia notado os pavorosos vazios criados na própria família pelas epidemias do início do século: a morte do pai, das irmãs... Em 1530, a peste leva-lhe o padre valaisiano, que, doente, fora abandonado por todos, exceto por um rapaz. Anna Dietschi-Platter, agora boa protestante e a tudo *temendo* pela própria vida, regozija-se com tal morte porque esse eclesiástico era hostil e malvisto. Ao lembrar-se dessa história, Thomas menciona outros contágios gravíssimos que sofrera em duas estadas em Zurique, separadas por certo intervalo de tempo.<sup>28</sup> Como de hábito, a técnica rememorativa de Platter ao narrar a epidemia pestilenta é a mesma: “fora de propósito” “a propósito da peste”... Essas infecções zuriquenses fizeram com que duas valas comuns fossem ocupadas por um total de mil e seiscentos cadáveres... Uma das duas catástrofes talvez tivesse contaminado Thomas, já que lhe surgiu na perna um furúnculo, ou um bubão, que com a ajuda divina foi curado por uma das tias com um emplastro de couve. Platter só conseguiu comunicar-se com a eficaz e misericordiosa parente ao término de estafante caminhada, em que, manco devido ao abscesso, caiu no sono dezoito vezes em doze horas. Apesar de tudo, ei-lo como um indestrutível andarilho que nossas contemporâneas performances de *jogging*, *footing* etc. certamente não pegariam despreparado. Durante a segunda onda de pestilência zuriquense ele dormiu, na falta de cama individual disponível, entre duas

<sup>27</sup> Reencontra-se, assim, em formas diversas, o velho tema do “salvador onírico ou miraculoso” em ação nas montanhas, na Escócia, em Chartreuse e no maciço de Belledonne.

<sup>28</sup> A primeira estada coincide com a “escolaridade” inicial de Thomas em Zurique; a segunda é da época em que morou na casa da mãe de “Rudolfus Gwalterus”.



jovens que logo estariam doentes. Tanto uma quanto a outra morreram a seu lado. O fato, porém, não lhe acarretou conseqüências. Tragicomédia? Há indubitavelmente uma pitada de verdade nessa triste história. Será que ele estaria provisoriamente imunizado contra um novo contágio da peste devido à cura do bubão pela folha de couve?

Conquanto portador de muita esperança, o primeiro parto de Anna, provavelmente no outono de 1530,<sup>29</sup> é igualmente dramático. Para ela e o marido. A parturiente é assistida gratuitamente (como é comum no Valais medieval ou renascentista) por uma parteira nobre que presta o serviço por satisfação (*freid*), já que seria pecado receber algo por ajudar uma nova alma a vir ao mundo (T 93). Simpática mentalidade oriunda dos velhos tempos: num cenário mais moderno, as parteiras são muitíssimo bem remuneradas em Basileia. Em contrapartida, nunca elas constituíram garantia contra a mortalidade neonatal. A nobre parteira já assistira a muitas outras senhoras “distintas”, o que comprova a ascensão platteriana na escala social do Valais. Thomas sua em bica, a camisa encharca-se-lhe, e nós pensamos em Henrique IV, que ofereceu espetáculo análogo no nascimento do pequeno Luís XIII. É que Platter testemunha o nascimento, ainda que as mulheres debruçadas sobre Anna o impeçam de ver realmente o que se passa. A luta entre as duas confissões religiosas prossegue ao redor do leito de parto: munidas de rosário de madeira, as assistentes invocam Santa Margarida e incitam Anna a prometer que mandará rezar uma missa se não sentir muita dor. A futura mãe limita-se a responder: “Sou fiel ao Deus fiel!” O casal Platter não se devota aos “ídolos”; Anna não trabalhou na casa do convicto zuingliano Myconius por nada. Inevitavelmente o batismo será católico, e a criança, uma menina (T 94), recebe o nome de “Margaridinha” (Margretlin), conforme os gostos hagiográficos das citadas senhoras. O batismo será católico, sim, mas o padrinho – ladeado por madrinhas “distintas”, ei-las novamente – será protestante, “amigo da verdade”. Thomas mais uma vez escandaliza os conformistas de Viège, ao declarar em alto e bom som, em plena praça pública, que caso fique viúvo prefere tornar-se carrasco ou “esquartejador” a ordenar-se padre (*sic*). Essa ainda não é a época do frade agostiniano Combes, mas o anticlericalismo contemporâneo tem raízes naqueles séculos distantes.

No fundo, Thomas não pode ver o Alto Valais, essa terra de padres, nem pintado de ouro; sua mulher (apesar de herética) demonstra possuir sorte material, mas o casal não quer prolongar a permanência ali. No fim de 1530, ou início de 1531, Thomas põe o pé na estrada. Os valaisianos fizeram

<sup>29</sup> E não em 1529 (F. 50).

de tudo para convencê-lo a ficar. Até von Riedmatten, o bispo da região, fez de um primo portador de lisonjeiras propostas de promoção que dariam a Platter a mais alta remuneração da diocese. Thomas contenta-se em responder, modestamente: “Sou muito jovem e muito ignorante.” Réplica difícil de levar a sério, já que esse pedagogo de trinta e dois anos, indubitavelmente saído da plebe mas decidido a nela não reentrar, já sabe hebraico, grego e latim! O bispo, desconfiado, vê na recusa do valaisiano sinal de negros projetos (heréticos). Ele não estava completamente errado. Thomas, no entanto, manteria boas relações com a família desse prelado, pois que alguns dos sobrinhos de von Riedmatten, dentre os quais um futuro bispo, seriam pensionistas na escola que ele fundaria (em Basileia, não no Valais) quinze ou vinte anos depois. O eclesiástico não é o único a lamentar a partida de Thomas: a irmã do ex-valaisiano, também desgostosa, acusa Anna Dietschi-Platter de ter maquinado a partida. É preciso dizer que as relações entre as duas cunhadas, a zuriquense cidadina e a valaisiana camponesa, nunca foram das melhores. Mas a acusação é injusta. Foi Thomas quem decidiu partir. Ele nada tem de bicho-preguiça; é, na verdade, um bicho-carpinteiro. Os únicos a se entusiasmar com o novo êxodo do casal são os padres da região, que vêm, sem desagrado, a pequena família (que cheira a heresia) partir.

\*

Thomas parte. Carrega os trastes e o bebê às costas, no berço, que tem a forma de um *rucksack* de madeira paralelepipedal. Pela ponta de uma corda, como um campônio a puxar sua vaca, traz a mulher, que também caminha. E é preciso puxar bem a essa jovem zuriquense recém-parida, que não tem pé montanhês! Nos termos do alpinismo moderno, de que o século XVI valaisiano estava mais próximo do que podemos supor, dir-se-ia, simplesmente, que o homem e a mulher estavam encordados. Ao despedir-se da criança, uma de suas honoráveis madrinhas presenteou-a com um ducado duplo. O Alto Valais germanófono e católico na verdade não foi prejudicial a Thomas: ele leva treze peças de ouro, produto dos ganhos pedagógicos e de pequenos comércio locais. A cidade basileense é o destino final da nova viagem. O casal, acompanhado do bebê Margretlin e desencordado após chegar à região baixa, faz, então, breve estada zuriquense em casa de Myconius. Apenas o tempo de abraçar o bom mestre e aproveitar-lhe a hospitalidade, tão generosa quanto lhe é mesquinho o bolso. É verdade que Myconius, o grande amigo do valaisiano, deve a Anna os salários da época de criada. Alojjar provisoriamente o móvel casal é também uma maneira de o “velho” sábio saldar a dívida com os protegidos.



\*

De Zurique a família Platter parte para Basileia. Thomas mais uma vez leva a menina, agora mais pesada: tem já seis meses. Anna, a mãe, carrega, com a ajuda de um estudante, as trouxas da família, exceto as transportadas de Viège para Basileia por uma terceira pessoa, através de Berna. Esse terceiro carregador é um amigo, Thomas Roten, oriundo de importante família valaisiana. Sempre a rede dos notáveis da terra natal! Platter, chegado ao receptivo meio basileense, já não é o pobre professor solitário e trêmulo de outrora. Ele dispõe na cidade de ampla rede de amigos, que o apóiam solidamente. As “gentes devotas”, ditas também a “máfia” (tecnicamente falando), a máfia dos reformadores, partidários locais de Ecolampade, indicam-no de modo irresistível e decisivo para o posto de “mestre assistente” (*provisor*) do velho amigo e protetor Oporinus, estabelecido sem problemas na cidade. Thomas transforma-se, então, numa espécie de ecônomo-adjunto, pedagogo-imediato na escola de Burges, dirigida por Oporinus, que com o pseudônimo grego em lugar do verdadeiro nome germânico, Johannes Herbster, participa de uma campanha de mudança, à moda antiga, do nome próprio de todos: a Renascença latino-helenística em Basileia não é letra morta.

Em 1526 Oporinus ensinava na escola Saint-Leonhard (em Basileia), onde Thomas o conhecera. Junto com Sebastian Münster, hebraísta e cosmógrafo de primeira linha (T 163), Oporinus também fora secretário de Paracelso, que funcionava um pouco como o “Dr. Fausto” da medicina helvética do século XVI. A carreira oporiniana fora brilhantemente iniciada, e em 1538 o conduziria ao magistério universitário, sempre em Basileia. Depois, em 1542, Oporinus se bifurcaria profissionalmente ao trabalhar como impressor. Em 1543, realizou sua obra-prima tipográfica publicando o admirável tratado do grande anatomista da Renascença, o ilustre Vésale; trata-se dos “sete livros da fábrica do corpo humano”, soberbo in-fólio de quase 700 páginas, com o título gravado em madeira.<sup>30</sup> Por muito tempo endividado, até mesmo pobre, o protoprofessor Oporinus finalmente alcançaria o conforto, graças a um terceiro e um quarto casamentos, com duas sucessivas mulheres ricas. Seu trajeto pedagógico, depois editorial, e para sempre paramedicinal servem e servirão de modelo a Thomas Platter: porque, uma vez encerrados seus anos erráticos, ele se faz primeiramente professor, depois impressor e em seguida outra vez professor. Platter manifesta também, e o

<sup>30</sup> Andreae Vesalii, *De humani corporis fabrica libri septem*, Basileia (Oporinus), 1543. Edição recente, também, no INSERM, Actes Sud, em 1987: *La Fabrique du corps humain*; e seleção iconográfica publicada por Pierre Huard, R. Dacosta, 1980.

veremos, constante atração pela medicina, a que seus filhos se consagraram inteiramente. A medicina como instrumento de promoção social.

Por volta dos anos 1530-1531, Platter mantém excelentes relações com a elite basileense do poder cidadão: seu mentor Oporinus mora no grande palacete perto do bispado, localização que por si só já é um pouco dominante. Além disso, o recente imigrado usufrui da amizade de Heinrich Billing. Esse senhor, filho de alberguista e dono de bela voz, que o transformará num dos coristas da igreja de Saint-Leonhard, é também, devido ao segundo casamento da mãe, enteado do burgomestre basileense Jacob Meyer zum Hirzen, um dos pontífices laicos da Reforma local. Heinrich Billing deu uma mãozinha a Platter, que lhe deve o primeiro emprego “estável” de pedagogo na cidade do antigo concílio. “Estável”, com uma pitada de sal, evidentemente, *cum grano salis*; porque Platter, na realidade, ainda não está por encerrar as peregrinações, e ninguém pode dizer como será o amanhã. Certo dia Heinrich Billing presenteia Thomas, de quem é “excelente amigo”, com uma caneca em forma de bota, grande como uma garrafa. O utensílio arredondado permite que Thomas e Anna bebam comodamente do barril de vinho, principal ornamento de sua adega. Além do mais, esse lugar profundo (*keller*) é palco do ritualístico teatro do casal, que se alterna em delicadezas do tipo “Depois de vós. – Nada disso”.

– Bebe tu – diz Platter à mulher –, porque estás amamentando [Margretlin já passou há muito dos seis meses].

– Não, bebe tu – retorque Anna –, porque estudas muito e não se pode dizer que levas vida mansa.”

De fato, o casal, que sem dúvida não é rico, decolou definitivamente da miséria; a prova é que a essa pequena família jamais faltou vinho e pão na estada basileense. O consumo de vinho, como demonstrará Vauban, já é no Antigo Regime índice de ascensão à classe média baixa. Os tragos conjugais dos Platter acontecem no fim do dia, depois de sua passagem pelos banhos públicos. Eles lavam-se, portanto, muito mais do que fazia Thomas dez anos antes. O salário do pedagogo é bom: 40 libras por ano. A cidade não é mesquinha para com o professor de alta categoria que doravante será Thomas. Mas o aluguel da pequena casa onde ele instalou a tabuleta com a Cabeça de Leão (casa que fica perto da de Oporinus e do bispado) é considerável: 10 libras anuais.

Se a comida “platteriana”, assim como a residência, é satisfatória, o mobiliário de segunda mão é escasso. Uma cadeira, e uma boa cama (comprada por cinco libras perto da casa de Heinrich Billing), e um tacho de cobre, e uma bilha, ambos esburacados, conseguidos por Platter num monturo de cacarecos do hospital da cidade.



Um problema de saúde, a que se acrescenta o teimoso nomadismo de que o eterno estudante Platter ainda é portador, vai acabar por algum tempo com esse estilo de vida, afinal de contas, feliz. Thomas, na realidade, “vara as noites”. Trabalhador incansável, ele se contenta com poucas horas de sono. Temos de reconhecer que, para passar do analfabetismo total ao cargo de professor de hebraico, latim e grego, lhe foi preciso despender esforços em grau capaz de acabar com a saúde de qualquer pessoa: Thomas, portanto, sofre de vertigens, cambaleia, apóia-se nas paredes e nas carteiras da sala de aula. Nem as sangrias, nem o gengibre em pó, nem a noz-moscada, nem o açúcar, receitados ora por uma, ora por outra das duas vertentes da medicina local, a galenista e a hipocrática, lhe modificam a saúde para melhor.

À saída de uma consulta em busca da cura de seus males, mais para benignos, surge a figura do “célebre” Dr. Johannes Epiphanius (na realidade, nossas fontes ignoram tudo a seu respeito, exceto o episódio relatado a seguir). Instalado havia muito em Munique, onde se casara com uma linda mulher, esse veneziano tivera de fugir com a esposa da capital bávara para escapar das humilhações e até das decapitações que o duque da região, Guilherme IV de Wittelsbach infligia aos médicos do principal centro de seu território, acusando-os de professar idéias luteranas e de consumir peixe na Quaresma. Guilherme IV, que de início não fora desfavorável aos “heréticos”, virara rapidamente a casaca ao suspeitar, para além das questões puramente religiosas, de que eram movidos a interesses politicamente escusos. A partir de 1522 ele passara a interditar tudo o que, de perto ou de longe, dissesse respeito a Lutero. Em 1524, Guilherme obtivera procurações especiais do papa Clemente VII para a fiscalização de abadias e bispados. Em 1541, o nobre convidaria os jesuítas a instalarem-se na região. Com essa personagem ducal, os desejosos de se desviar da santa doutrina nada mais puderam fazer senão sujeitar-se, ou escapar. Esta fora a opção de Epiphanius.

Em Basiléia todos se conhecem; não obstante, os círculos intelectuais, que são de bom nível, permanecem muito pequenos. Thomas Platter, apaixonado pela medicina – um de seus *hobbies* –, passa prontamente a relacionar-se com o emigrado ítalo-bávaro Epiphanius, cujo novo nome remete muito mais à Renascença greco-latina e à Reforma do que às origens venezianas, esquecidas ou ceifadas. O veneziano em questão, a quem o valaisiano informou detalhadamente sobre a própria saúde, compromete-se a curar-lhes as vertigens. Contrato firmado! E é assim que Anna e Thomas passam a trabalhar de criados na nova residência do médico emigrado, que acaba de se mudar para Porrentruy (T 98), a qual continuou católica, como médico particular do bispo local. Este prelado não é senão o beberrão e corpulento quadragenário Philip de Gundelsheim, que iniciou a carreira eclesiástica na catedral basileense. Epiphanius também é um grande e robusto ébrio: com a anuência

de Philip, adquiriu o hábito de esvaziar sua adega antes de voltar para casa e ainda abusar do vinho. Ele permanece no jardim até a meia-noite, bebendo vinho puro e comendo, vestindo apenas camisão. Esses fatos se davam na primavera de 1531, porque o frio inverno jurassiano não consentiria muito em tais desnudamentos noturnos. De dia Epiphanius pode interessar-se pelas vertigens de seu criado-cliente Platter, a quem terá também por aluno ao lhe ensinar alguns rudimentos de medicina. Thomas está mais sôfrego do que nunca em relação às aulas, pois sabe que esta disciplina, mais que o hebraico e o grego, é a chave para a ascensão social. O filho Felix, no futuro, compartilhará essa mentalidade interesseira. Os dois homens, pai e filho, não serão menos caridosos e benevolentes ante as doenças alheias, mas a disposição de cuidar da saúde do próximo ficará em segundo plano para os Platter, porque no primeiro têm a arte da medicina como técnica de fazer fortuna...

Tais são as perspectivas de Thomas ao partir para Porrentruy. Ele não pode senão ir-se, com a mulher pela mão e a filha às costas: é a terceira viagem “dorsal” da criança, após Viège-Zurique e Zurique-Basiléia. Os mais descontentes são os amigos basileenses de Platter, que tiveram grande trabalho para lhe conseguir um cargo de professor na cidade. Não compreenderam muito bem o nomadismo do protegido, decididamente errante. Thomas irá revê-los periodicamente, quando em vaivém entre Porrentruy e Basiléia comprando medicamentos para o novo patrão. Com o criado valaisiano recentemente empregado, Epiphanius não falha em operar maravilhosas curas, mas consigo mesmo será bem menos feliz! Esculápio, cuida de ti mesmo... Para as vertigens “platterianas” os remédios são simples. Nem sangrias nem poções. Medicina natural. “Deita-te cedo com tua mulher, que será a médica”, diz grosso modo o veneziano a Thomas; “de manhã, fica na cama descansando despreocupadamente, e deixa que Anna te sirva uma boa e substancial sopa.” O médico trata (tão pouco), a natureza cura. *Natura sanat, medicus curat*. Atenções femininas, em vez de sangrias purgatórias ou de preparados de boticários. A “farmacopéia” epiphaniana parece eficaz: as vertigens de Thomas desaparecem sem deixar seqüelas, conquanto tornem a aparecer nas excessivas vigílias noturnas, ainda elas, do ex-doente. Platter ensinará esses métodos eficientes, antivertiginosos, aos amigos de Basiléia, que não lhe guardarão nenhum rancor pelo recente êxodo. Entre eles, o burgomestre zum Hirzen, pai de seu amigo Heinrich Billing; o querido Myconius; e até, alguns anos depois, um de seus clientes e colegas (F 92), Cellarius, dito Martin Borrahaus.<sup>31</sup> Esse curioso personagem, nascido em Stuttgart, fora no início beneficiado pela proteção de uma grande família.

<sup>31</sup> Isaac Keller. Não o confundir com o professor Isaac Keller, chamado também *Cellarius* (F 169; e *infra*, cap. X).



Estudante vagante, de Tübingen à Cracóvia, amigo de Melâncton, desencantado com Lutero, três vezes casado, Cellarius seria, a partir de 1536, vidrazeiro, alquimista e professor em Basileia. Suas tentativas de decompor os corpos complexos em seus elementos simples fariam dele, acima de tudo, um dos precursores intelectuais (entre muitos outros) da química moderna...

Após o Cômico (os médicos de Molière suplantados pela medicina doce), o Trágico: a peste assalta mais uma vez. É verão (1531). A quente estação das epidemias. Os Platter estão em Porrentruy há aproximadamente três meses. Primeira vítima da epidemia errabunda: Margretlin Platter. A menina acabara de completar um ano<sup>32</sup> (começava, justamente, a andar), e morre após muito sofrimento. Os pais desfazem-se em lágrimas; mostram-se afetuosos como nunca fora a mãe de Thomas, Amilli Summermatter, muitíssimo castigada pela vida miserável para se deixar afetar profundamente pelas tribulações dos seus; de fato, Amilli fora mulher de pouca sensibilidade diante dos infortúnios e até da morte da prole. A falecida Margretlin é enterrada por um colega de Thomas, mestre-escola em Porrentruy. Dilacerada, a mãe confecciona uma coroa de flores para a pequena defunta. Mas Anna Platter perderá por certo tempo a alegria de viver e o gosto de cantar, o qual a tornava tão sedutora para o marido. É justamente essa tristeza (tão típica, anota Thomas, das famílias marcadas ou ameaçadas pela peste) que deixa Epiphanius, também jovial em outras épocas, com a pulga atrás da orelha:

– Tua mulher anda triste – diz ele, em essência, a Thomas. – Certamente vai morrer de peste, ela ou minha própria mulher. Por isso arranja-te para desembaraçar-me de Anna.

Thomas não pode senão conformar-se às injunções do *Herr Doktor* (é assim que ele chama Epiphanius). Segue com a companhia até Zurique, certamente para a casa de Myconius, o antigo patrão de Anna. O temor de Epiphanius é fundado. Antes de morrer, Margretlin contaminou-lhe toda a casa. Menos a Thomas, imunizado durante certo tempo graças ao bubão pestilencial de que padecera alguns anos antes. Mas a mulher de Epiphanius, a primeira atingida entre os adultos do grupo familiar do grande médico, fica de cama no quarto do andar superior com um bubão na coxa. Quanto ao médico, aterrorizado com a doença da mulher, entrega-se à bebida por alguns dias, de todo consciente do drama que se avizinha...

Ao voltar de Zurique, Platter encontra-o prostrado, sentado diante da bebida, “inchado de vinho”. É uma tarde de domingo. Entre soluços,

<sup>32</sup> Isso implica que seu nascimento se deu na primavera de 1530. Por equívoco, uma edição recente de Felix Platter data-lhe o nascimento (F 50) em 1529; por outro lado, a mesma edição data corretamente o casamento de Thomas e Anna, no verão de 1529.

Epiphanius chega a censurar a Thomas o ter-lhe obedecido e levado Anna para Zurique, como se a partida da jovem tivesse, por alguma misteriosa alquimia, precipitado a infecção da mulher do medicastro. Madrugada de domingo para segunda: anteato da odisséia mortal de Epiphanius. O médico acorda contaminado. Foge da pequena cidade. Abandona a mulher, vai embora sem avisá-la. Vai em busca do bispo Philip, refugiado desde algum tempo em Delémont, residência estival deste prelado diocesano de Porrentruy, em redor da qual, casualmente, se estendem florestas e áreas de caça que permitem um entretenimento episcopal de primeira linha. Em tempos de peste, os heróis, entre os quais mais de um bispo, sabem manifestar-se. Basta ver o caso, realmente heróico, do Monsenhor de Belzunce, na Marselha de 1720... Philip de Gundelsheim, pelo contrário, filia-se à categoria dos poltrões, pouco enérgicos, pouco corajosos, e isso a despeito de suas altas funções entre os jurassianos da Helvécia.

Epiphanius, devidamente acompanhado do criado Platter, estaria realmente indo em busca de Monsenhor Philip? Esta é a sua intenção. Mas os resultados são lamentáveis. O infeliz médico arrasta-se a pé pela estrada. No primeiro dia consegue percorrer apenas uma milha desde Porrentruy, comunidade que doravante estará privada de prelado e de médico das almas como dos corpos. De tarde o estômago de Epiphanius recusa todo e qualquer alimento. A segunda jornada de seu calvário, na terça, é ainda pior. Depois de alugar um cavalo, mais para ambulância do que para palafrém, os dois homens continuam o caminho até Delémont. Na porta do povoado impedem a entrada do médico. Em tempos de peste, as coletividades entricheiram-se, e que há de mais prático para fazer, devido às circunstâncias, do que dispor de uma fortaleza?

Após cair algumas vezes do cavalo por causa da doença e do forte calor estival, Epiphanius não está nada elegante. O bispo, informado do problema em sua residência *intra muros*, obriga os habitantes, ou os guardas das portas, que falam em seu nome, a deixar entrar o médico inválido, a quem convida à mesa episcopal para a ceia de terça-feira. O prelado inquieta-se por sua aparência doentia, tão diferente da viçosa tez de outros tempos. Epiphanius explica que deve a má aparência à insolação e às pândegas dos dias precedentes. A explicação convence Gundelsheim, conhecedor dos hábitos “vinícolas” do veneziano. De noite, o bispo e o médico, que já haviam caçado juntos uma que outra vez, tratam-se um ao outro, cerimoniosa e lisonjeiramente, por *Herr e Herr Doktor*. Como convém entre magistrados, médicos e eclesiásticos. Em contrapartida, tuteiam Thomas. A noite seria ruim: Epiphanius suja a cama toda devido ao agravamento de seu estado. Platter, sempre devotado, dorme no mesmo quarto, num leito ao lado. De



madrugada lava servilmente os lençóis do doente com água e vinho, para que não o vejam imediatamente (*das man nit glich sähe*). Sempre o medo de que seja descoberta a pestilência do médico. Na manhã seguinte o Monsenhor bispo (*gnädiger Herr*), que finalmente fora caçar, salta do cavalo e, assim que entra em casa, “encosta Thomas na parede”:

– Teu patrão está contaminado pela peste?

É que más línguas haviam contado a Sire Philip da morte por peste do bebê Platter e da infecção bubônica de origem análoga de que padecia em Porrentruy a mulher de Epiphanius. Entre Porrentruy e Delémont as novidades não andam, voam.

Pressionado pelo bispo, Platter titubeia. Fala vagamente sobre calor e frio e de um suadouro ocasionado pela bebida de que supostamente o médico se embriagara durante a tórrida viagem. Ninguém é bobo. O bispo simplesmente expulsou, sem a menor cerimônia, o Mestre Epiphanius e o criado Thomas. Procurando um quarto, os dois pedem informações aos habitantes do burgo, que os mandam às favas. Acabam por descobrir um abrigo e uma boa cama, como convém a um “senhor” da categoria de Epiphanius, na casa da compassiva estalajadeira da Croix Blanche. Certas mulheres mostram-se mais misericordiosas do que os homens ante determinadas questões. Mas nem todas... O médico pensa, desesperado e um pouco tarde, na mulher, a quem abandonara em Porrentruy. Encarrega Platter, com quem conversava vez por outra em latim, de buscar a mulher na sede da diocese e conduzi-la a Delémont, viva ou morta, caso ela queira revê-lo antes de sua morte. Compreensivelmente, a senhora (curada, ao que parece, do bubão) manda o mensageiro pastar, chama o marido de velhaco e até de *welche* – em outras palavras, de latino: veneziano ou francês, pouco importa –, suprema injúria da parte de uma bávara. O velho antagonismo entre germanos e latinos reemerge nos momentos dramáticos. Epiphanius que morra. Ela não quer nem saber. Deus que se ocupe dele.

Platter, no entanto, não se deixa dobrar. Convincente, traz de volta à realidade a muniquense: “Mulher, eu acho que ele vai morrer”, “*Frow, ich gloub, er werde sterben*”. Depois faz com que ela se lembre de suas dívidas, ou melhor, das dívidas do casal na Basileia. Os credores, dentre os quais um boticário, um velho senhor e o hoteleiro fornicador do albergue La Cigogne poderão vir-lhe manifestar rudes exigências. Não à toa Epiphanius fora buscar em Basileia asilo político – ou, se se preferir, religioso –, chegado de Munique e tendo por bagagem apenas a competência médica. O médico ainda não tivera tempo de refazer sua fortuna nem, muito menos, a clientela e a própria saúde. “*Madame Epiphanius*”, duramente repreendida por Platter, vê-se obrigada a encarar os fatos tais como são, quer dizer, desagradáveis.

Comovida por seus argumentos, *Epiphania* recobra a calma e confia a Thomas, por conhecer-lhe a honestidade (muito relativa, em verdade, como se verá), uma pequena quantia, que deverá ser levada a Basileia e entregue aos credores, para que ela escape aos seqüestros de bens: roupa branca e uma parca baixela de prata. Thomas, que tem os pés no chão, também “pega emprestado” o livro de receitas médicas (*experiment buch*) do patrão, obra que ele tenta copiar nos momentos vagos para benefício próprio. Ele não perdera a esperança de um dia qualquer tornar-se médico, se não doutor em medicina. Assim poderia escapar ao destino de professorzinho, destino que ele suspeita, e não sem razão, cedo ou tarde seria o seu.

Carregado dessas “presas”, Thomas encontra-se com o patrão na tarde da sexta-feira. Enquanto aquele viajava, o bispo, sempre apavorado com a contaminação, mandara que o médico, levado por um cavalo e acompanhado de um criado, seguisse para Münster, dita Moutier (T 167) e localizada a alguns quilômetros de Delémont. Essa pequena aldeia fora partidária da reforma protestante de tipo basileense, sob a influência do impetuoso pregador evangélico de origem francesa Guilherme Farel. O valaisiano Platter, por mais zuingliano que fosse, soube, em tais circunstâncias, guardar silêncio das próprias preferências ideológicas: relacionara-se em Porrentruy com um bispo “papista” e com o médico particular, luterano, deste prelado. Mas em Moutier ele não tratará tanto de escolhas religiosas, a não ser no momento dos rituais postremos. Epiphanius é doente terminal. Apesar de devida e totalmente assistido pelo criado, caíra do cavalo no curto trajeto desde Delémont.

E passou-se uma noite. E uma manhã. A noite de sábado para domingo foi terrível. O alberguista de Moutier não estava a par da situação e por isso consentira no alojamento do enfermo e corpulento cavalheiro procedente de Delémont. Quando o moutiernense desvenda o enigma (pestífero) da história, enche-se de furor, até contra a própria mulher, que fora a responsável pela acolhida dos hóspedes. O estalajadeiro ameaça jogar Platter e seu patrão (T 102) escada abaixo (*die Stägen ab werffen*). Os quartinhos de dormir ficam no andar de cima. Thomas responde-lhe no mesmo tom; consegue incrustar-se *in situ*, em companhia de Epiphanius e de um pastor reformado que chegara para celebrar o culto dominical em Moutier. Este ministro de Deus, agindo mais cristãmente do que fizera o bispo, dedica-se a consolar o veneziano agonizante e a exortá-lo a uma boa morte. É menos feliz, porém, com os fiéis de Moutier: ainda que por dinheiro, eles se recusam a conceder um curral ou um chiqueiro (*süwstellin*) onde o moribundo possa partir em paz. Para prestar os últimos serviços ao patrão, Thomas encontra apenas uma basileense (mulher, outra vez), que está prestes a dar à luz e mora a dois pas-



dos do albergue onde Epiphanius agoniza. A convivência, se não de nascimento, ao menos de recente residência comum em Basiléia, entre a caridosa dama, o médico e o valaisiano, evidentemente ajuda a explicar o generoso gesto desta boa e destemida pessoa, grávida da cabeça aos pés. Ela tuteia Platter, a quem chama meu bom companheiro (*gsell*), e voseia o médico. Como quer que seja, sua inegável boa vontade contrasta com a repugnante disposição dos autóctones.

Outra mulher (esta, paga por Platter) ajuda no transporte do médico para a residência, próxima, da parturiente, que, chorosa e correndo grande risco, beija duas vezes os lábios de Epiphanius. A grávida instala o novo e agonizante convidado num confortável assento e depois, no quarto, numa bela cama bem arrumada, digna da alta condição socioprofissional de Epiphanius. A hospedeira consegue até que ele tome duas tigelas de sopa. No trajeto entre o albergue e a casa da adorável basileense, Platter, que tem a oportunidade de insultar os nativos do lugar, postados em duas fileiras, uma de cada lado da rua central, acusa-os de ter um coração sem Deus, incapazes que foram de apiedar-se do moribundo patrão. Aparentemente, eles ouvem-lhe o insulto sem reagir.

Thomas vê-se dividido agora entre dois imperativos contraditórios. A grata amizade, de que até aqui o valaisiano deu inequívocas provas (de fato ele desempenhou honrosamente as funções de criado), obriga-o a assistir o médico em seus últimos momentos, apesar de a preocupação com seus próprios interesses se apresentar insistentemente. Platter deixa-se vencer pela segunda motivação. E as circunstâncias, afinal de contas, parecem favorecê-lo, porque o doente, com voz abafada, e em *pidgin* meio latim, meio dialeto, pede ao valaisiano (T 103) que volte a Basiléia. Encarrega-o da guarda de um palito de dentes dourado que tirara da gargantilha; encarrega-o também de cuidar de alguns anéis cuja venda deverá permitir a subsistência temporária de Epiphania. Será que o amor pela jovem mulher se teria renovado nas horas derradeiras, no enevoado cérebro do pestífero etílico? Para dizer a verdade, Platter nem se questiona sobre isso. Despede-se amavelmente da enfermeira do médico (que dará à luz no momento da morte de Epiphanius, ou pouco antes, porque o moribundo não passará deste dia): graças a ela o veneziano terá um enterro de primeira classe, digno dele e do título de doutor (*wie ein doctor*). Já Platter (T 104) fica com a preciosa compilação médica do quase-defunto, sempre boa de copiar, e segue para Basiléia, para a casa do amigo Oporinus.

A parida, que por seu lado se ressarce dos gastos e gentilezas com as luxuosas vestes do falecido senhor veneziano-muniquense, sentirá certo pesar ao trocá-los por metal sonante. Epiphanius, morto como pobre, sem cirurgião

nem farmacopéia (*weder schärer noch artzney*), é posto no caixão como rico, enquanto tão nu como no dia do nascimento. Seu belo guarda-roupa torna-se espólio dos aldeões locais, assim como no litoral dos bons e velhos tempos os habitantes se apossavam da carga dos navios que a tempestade fazia cair nos recifes. Já Platter, acima de tudo, adquiriu com o ex-patrão conhecimentos primeiros de medicina. O que não deixa de ser muito merecido, dada a falta, por causa da peste, de pagamento de quaisquer florins. Mas os dois filhos do valaisiano é que irão ampliar a fugaz iniciação profissional do pai.

Seguir-se-ão algumas semanas de rabulice, qual chicaneiro basileense, da qual Platter julga ter-se saído honrosamente. Mas temos apenas sua versão dos fatos, a seu favor. A título de indenização, os credores do falecido médico (boticário, taberneiro, velho...) queriam ficar com os objetos de Epiphanius, dentre os quais o célebre palito de dentes dourado e o grande livro. Oporinus e Platter guardam consigo as coisas e, enquanto isso, copiam febrilmente *fifty-fifty* o litigioso livro; depois cada um deles copia a meia cópia que o outro fez. No fim do episódio, o tão almejado original termina sua carreira na coleção de livros de um dos credores, provavelmente o boticário; as respectivas e miúdas “bibliotecas” de Thomas e Oporinus, no entanto, ficam enriquecidas com a reprodução caligráfica: a idade de ouro do manuscrito ainda não terminou! Gutenberg ainda não passou por ali. É verdade que na falta de fotocopiadoras... Esse minúsculo pleito não deixará nenhum traço de desarmonia entre as personagens envolvidas. Vinte anos depois o filho de Thomas (Felix) será o padrinho do rebento bastardo do hoteleiro Klingenberg, um dos antigos credores de Epiphanius. Já velho, esse alberguista fará arte com a criada do antigo *ex adverso* Thomas Platter, que entretimes se tornou seu amigo.

Com tudo isso, quase nos esquecemos da jovem viúva de Epiphanius. Apesar de curada da peste, a horrível peste de 1531,<sup>33</sup> a mulher está arruinada; penhoraram-lhe todos os bens (*alleding iren genummen werin* – T 105). Certo dia, muito tempo depois, Platter recebe sua visita: ela lhe pede a receita do purgante de passas (*purgatz mit den rosinlinen*, T 105), copiada do livro do marido. Será que a viúva a venderá? Fato é que está sem um centavo. Tomado de certo remorso, Thomas deixa que ela a leve. Ela era bonita (*sy was hüpsch*). Platter não mais ouvirá falar dela. Epiphania não guardará de todo esse curto e rude episódio senão uma lembrança cicatricial, a marca de um bubão na coxa.

<sup>33</sup> A epidemia de 1531 não é indicada nas listas de Jean-Noël Biraben (*Les Hommes et la peste*, Mouton, Paris, 1975, vol I, p.411). Mas o “mal que espalha terror” é apontado pelo mesmo autor em Genebra em 1528, 1529, 1530. Estamos diante, quanto ao ano de 1531, de um “rabo de peste”, girando pelos territórios helvéticos.



E, no entanto, essas semanas médico-pestilenciais, sobretudo a semana mortal vivida por Thomas, ocupam considerável espaço em sua narração: 7% do total... Isso porque, mencionada explicitamente, se encontra aí uma das grandes nostalgias de Platter: a malograda vocação médica. Doravante, a saída será transmitir esse anelo à prole.

\*

Ao passo que o verão de 1531 foi um tempo de peste para Platter, o outono será de guerra, de um conflito de que ele tentará esgueirar-se. No início de outubro, exortados pelo Habsburgo de Viena, os cinco cantões “papistas” experimentam o teocratismo imperialista e agressivo de Zuínglio, que progressivamente instalara em Zurique uma ditadura da virtude: suprimira do meio zuriquense a tolerância para com os católicos, a mesma tolerância que com todo o direito reclamava para os correligionários protestantes residentes nos territórios sob hegemonia da Igreja romana. Os cinco cantões católicos ou “florestais” (Lucerna, Uri, Schwyz, Unterwalden e Zug) organizam um pequeno mas bem armado exército. Vindo do sul, ele ataca território onde se exerce o poder de Zurique. A história acaba mal para os reformados, *es übell erging*. As tropas zuriquenses, mal organizadas, politizadas, sem eficiência militar, apesar de compostas de corajosos zuínglios, são derrotadas em Cappel (11 de outubro de 1531). O próprio Zuínglio, de capacete e armado de gládio, machado e clava, luta furiosamente. Acaba entre os mortos. No século XIX, o capacete (danificado) e os petrechos ofensivos do profeta atarrarão no Museu Nacional da Confederação.

Cingido desde Cappel a seus próprios limites, o expansionismo protestante morigera-se na Suíça alemã: a região obtém sua configuração existencial e coexistencial entre os dois cultos, o papista e o reformado; uma configuração que se vai manter sem grandes alterações até a pequena guerra helvética do *Sonderbund* (1847), que beneficiará os protestantes, sem no entanto lhes oferecer um monopólio político-religioso capaz de modificar o sutil equilíbrio confederado. Na noite de 11 de outubro, na hora de acender as luzes (por certo não se trata de *lampions*), a notícia do desastre de Cappel irrompe em Zurique. Alarme! Platter está em casa de Myconius esse dia. Visita de amizade? Ou vontade de “estar lá” nessa semana, nesse dia, em que pareciam decidir-se as perspectivas da heterodoxia em zona alemânica? Informados da desgraça, muitos homens, em idade de combater, saem e se postam na ponte. Ainda restava na cidade, portanto, certa quantidade de soldados potenciais. Terá sido sua carência ou ausência uma das causas da der-

rota? Thomas figura entre os “saídos”. Tem a consciência absolutamente tranqüila. Ele não é cidadão de Zurique. A multidão masculina ocupa agora a ponte e seus arredores, e rapidamente transborda até a outra margem. Quer bater-se com os bandos inimigos que porventura apareçam: fortalecidos pela vitória, estes poderão sitiar e ocupar a cidade. Tais bandos, todavia, não tomarão a iniciativa de intervir. A exploração do triunfo não é objetivo dos cantões católicos. Eles querem apenas deter o imperialismo dos reformados, não destruí-los. Ademais, seriam incapazes disto.

A noite de 11 para 12 de outubro é fria. Grandes fogueiras são acesas, e os homens esquentam os pés descalçados, isto entre os que têm calçados. Não é este o caso de Platter: já não é a época em que, menino miserável, andava descalço no verão e de tamancos no inverno. Nas primeiras horas da madrugada, os feridos, iluminados pelo clarão das tochas, iniciam o retorno a Zurique: voltam estropiados para casa. Aflitivo espetáculo: um veterano tem a mão decepada; outro tenta apoiar a vacilante e ferida cabeça com a ajuda do braço; um terceiro, também pedestre, traz as mãos cheias das próprias e transbordantes tripas. Até as pequenas guerras são trágicas, em cidades gregas ou suíças. Ao passar, Platter falha no lançamento da alabarda que tomara emprestado do arsenal particular de Myconius. Mantém-se confiante. Os capitães (*houptliüt*) sobreviventes da derrota do “exército” zuriquense regressam dispersos: ou erram ainda pelas pradarias, ou sofrem já a acusação de traição ou falta de brio no combate ao adversário papista. Platter tem um vazio no estômago: não lhe oferecem alimento por não ser membro das milícias regulares da cidade. Corajoso como um filósofo, o valaisiano decide voltar para a cidade e, para fazê-lo, atravessa a ponte guardada por sentinelas armadas até os dentes. Elas revistam todos os que chegam, tamanho é o temor de um cavalo de Tróia, sempre possível; grande também é o receio da entrada de bocas inúteis ou de forasteiros feridos necessitando de cuidados... A volta de Platter para a casa de Myconius é, antes de mais nada, lúgubre.

Tais recontros serão habituais na década de 1530. Algumas estações depois, em 1534, será a vez de os protestantes franceses iniciá-los, quando, a partir da questão dos *Placards*, Francisco I renunciar à relativa complacência com que os tratava para assumir um comportamento algo discriminatório. No universo alemânico a flutuação negativa é menos acentuada, menos grave. Aí, porém, é duro o golpe infligido ao avanço protestante: a paz que pouco depois será concluída tenderá a congelar por muito tempo as fronteiras entre os cultos rivais. A esperança de novo progresso reformado, ou de uma completa desforra católica, é de todo frustrada. Essa paz, implementada *de facto*, e logo estabelecida *de jure*, não exclui imediatamente alguns alarmes suplementares. No fim de novembro de 1531, os católicos de Schwyz



voltam da guerra: tinham figurado entre os vitoriosos de Cappel. Com a intenção de encurtar o caminho até seus prados cantonais, eles optam pela solução que se impõe: passar pelos muros de Zurique.

Para a cidade vencida mas ainda inviolada (nenhum inimigo lhe transpusera violentamente as muralhas) a afronta é humilhante, e a provocação assustadora. Zurique sente medo. Temem-se os traidores e até mesmo uma chacina. No mês anterior a cidade perdera a batalha. Agora, poderá perder até a “virgindade” numa nova aventura (assim se qualificava a honra de uma cidade, quando ainda não fora violada pela invasão de um sitiante).<sup>34</sup> O temor (salutar) engendra uma reação defensiva, e os cidadãos descem a rua. De noite Myconius diz ao fiel discípulo Platter: “Thomas, hoje dormirás perto de mim”, “*Thoma, lig du hinacht by mier*”. O valaisiano obedece. No leito comum, ambos dormem com um olho aberto; cochilam com as respectivas alabardas ao alcance da mão. Raia o dia: os “schwyzenses” vão-se, deixando os alojamentos provisórios dos sítios suburbanos. Voltam para os territórios de origem. O alerta fora falso.

Ainda que já sem Zuínglio, Zurique continua a farejar heréticos. Os caçadores estão com a corda toda. É o caso – certamente complexo! – de Georg Göldli, um dos capitães do “exército” protestante. Seu péssimo comando da própria tropa ocasionara-lhe em larga medida a derrota, que fora total. Göldli chegou a ser acusado de traição pelos companheiros, dado que, por acaso, seu irmão combatera nas fileiras católicas. Um ano após os acontecimentos, 1532, os reformados entram com uma ação na justiça contra o oficial. O suspeito, porém, é julgado inocente. Tão logo se vê livre, Göldli instala-se em Constance, onde morre no ano de 1536. O ex-capitão achara sensato afastar sua preciosa pessoa da antiga residência zuriquense por uma boa distância geográfica (T 168).

Myconius também deixará Zurique, mas por outros motivos: ele nada mais tem para fazer nessa cidade ameaçadora e perigosa. Flagelo menor, nela o desemprego o espreita. Ademais, ele está profundamente pesaroso pela morte do Mestre Ulrich (Zuínglio): os dois homens eram ligados de longa data por terna e familiar amizade, fundada na rendição deste à superioridade intelectual e espiritual daquele. Platter julga ter contribuído muito para a ida de Myconius para Basileia, o que não se poderia ter dado, diz ele, sem suas sólidas relações com a família basileense dos Billing. Thomas teria convencido Myconius da possibilidade de lhe conseguir o cargo de pregador (reformado) deixado vago pela morte de Hieronymus Bothanus, mais conhe-

eido como Bothan, homem de origem alsaciana, morto na batalha de Cappel, o qual durante quase toda a vida pregara do púlpito da igreja de Saint-Alban, em Basileia.

Platter talvez tenha exagerado seu papel na decisão final do pregador “calvo”, que de fato saiu de Zurique na época indicada. Reencontramo-lo na Basileia em dezembro de 1531, como pastor efetivo. Prossegue assim sua carreira de docente e ministro, sucessivamente desenrolada (T 159) em Basileia (já), em Zurique, em Lucerna, novamente em Zurique e em Basileia, onde Oswald Geisshüssler, dito Myconius, irá ocupar até a morte de peste, em 1552, os mais altos cargos protestantes, tanto eclesiásticos como professorais. Ao trajeto que no fim do outono de 1531 conduz de Zurique a Basileia os amigos Oswald e Thomas, ainda jovens para os critérios atuais (estão respectivamente na casa dos quarenta e dos trinta anos), não falta suspense nem confusão. Escortado por Platter, Myconius encontra na aldeia de Mumpf um quarteto de nobres cavaleiros de aspecto patibular. Na realidade, tais cavaleiros são bons homens, ainda que um deles, o *junker* Hans Egloff Offenburg, seja “um patife, bulhento e beberão dos mais rematados, cuja lembrança guardam os registros de querelas da época” (T 110, 169). Para dizer a verdade, Myconius não estava de todo errado ao manifestar certa desconfiança em relação a eles. Ao assistir, algumas semanas antes, aos tristes funerais de Zuínglio e dos guerreiros anônimos mortos em Cappel e alhures, na luta decididamente sagrada contra o papismo, vira o quarteto “muito alegrinho”. Parece que na funesta ocasião Offenburg e seus três amigos haviam transigido com a oposição papista de Zurique, encantada por se ver livre do piedoso ditador.

Pelo menos dois desses nobres mantinham contatos familiares ou profissionais com o episcopado da Igreja romana da região, fato que por si só já era motivo para aumentar as suspeitas de um fiel reformado. Platter, portanto, tacha-os abertamente de papistas disfarçados e de desregrados etílicos raramente desembriagados. Na estalagem de Mumpf, o pequeno “esquadrão” de veteranos esvazia caneco após caneco e promove espantosa algazarra. Um deles, *junker* juvenil, quer forçar Myconius a “fazer o vira” (T 110), com o pretexto de brindarem juntos. Indignado, o “velho” professor (pelo menos esse é o epíteto gerontocrático que os beberões dispensam ao sábio quadragenário) protesta:

– Chega, companheiro – dispara Myconius contra o jovem bêbado –, tu ainda nem sabias fazer tuas necessidades nas maravilhas, e eu já sabia beber. (Será que as maravilhas nos pátios das casas serviam de “moita”?) A noite cai e, numa das “saideiras”, o filho de von Landenberg (um dos cavaleiros), quase tão bêbado quanto o pai, comete a audácia de pôr os cotovelos na

<sup>34</sup> Yves-Marie Bercé, *Histoire des croquants. Étude des soulèvements populaires en France au XVII<sup>e</sup> siècle*, Genebra, Droz, 1974.



mesa. Que cólera a do pai Wolfgang Daniel von Landenberg! Ebriedade, tudo bem, *mas cotovelos na mesa!* Que coisa... Platter e o companheiro, mudas testemunhas de tais comportamentos, sacodem-se descontroladamente num riso louco e silencioso. O plebeu Myconius não morre de amores pela nobreza, ou pelo menos por certos fidalgos e outros arrastadores de espada, incultos, pretensiosos e grosseiros. Desdenha-os tanto quanto aos padres católicos, que não têm lugar em seu coração.

Chegado a Basileia, Myconius instala-se na casa de Oporinus (*by dem Oporino*, como diz Thomas misturando alemão e latim). Oporinus, providência dos ex-zuriquenses de passagem, desde que eles “pensem bem”. Rapidamente, no fim do ano de 1531, Myconius obtém a paróquia e a cátedra de Saint-Alban. Platter dá a entender, um tanto indiscretamente, que de vez em quando ele serve de “ghost writer” do novo pregador, como por exemplo numa homilia de assunto particularmente delicado: “Tentemos compreender por que Deus nos meteu a todos neste atoleiro” (o atoleiro causado pela derrota e morte de Zuínglio). Como quer que seja, com ou sem “ghost writer”, os sermões de Myconius atraem multidões e agradam aos homens de ciência, seja esta de base helenística ou teológica.

Tamanho é o sucesso que no verão de 1532 Myconius sucede triunfalmente a Ecolampade, líder espiritual, se não político, das populações basileenses. Sucessão-promoção completa, tanto acadêmica como eclesiástica. Ecolampade morrera quase concomitantemente a Zuínglio, no outono de 1531, mas de morte não-violenta. Os amigos de Platter, Myconius à frente, e direta ou indiretamente o próprio Platter aproveitam a possibilidade de substituição. De modo geral, o movimento das reformas religiosas, representado por Lutero, Zuínglio, Calvino, *a fortiori* Platter, radica-se na classe média (Lutero, Calvino) e no campesinato abastado (Zuínglio) ou pobre (Platter), e isso quer entre os líderes, quer entre os simples militantes. No caso dos saxões, anglo-saxões, alemânicos e *welches*, o crescimento protestante corresponde não apenas a uma mudança de comportamentos espirituais mas também, em toda a sua simplicidade ou brutalidade, a um sismo social (as ascensões promocionais precipitadas), conjugal (os sucessivos “casamentos” de Henrique VIII, as núpcias de religiosos ou clérigos) e contestante (a Guerra dos Camponeses da Alemanha).

Em níveis mais modestos, Thomas, já o vimos, gostaria de persuadir os leitores de que Myconius lhe devia a brilhante carreira. Assim, ter-lhe-ia conseguido na comunidade basileense um cargo paroquial a poder de “pistolões”; tê-lo-ia escoltado de Zurique a Basileia; ter-lhe-ia até financiado (modestamente) a viagem; ter-lhe-ia inspirado as prédicas. Não somos obrigados a acreditar nas palavras do memorialista valaisiano, por vezes desejo-

so de impressionar os possíveis leitores familiares do livro. Antes de, junto com ou depois de Myconius, nota-se outra partida “definitiva” para Basileia: a do próprio Platter (Thomas não se privará posteriormente, é verdade, de algumas peregrinações suplementares, mas a hora do “fixismo” geográfico e sobretudo basileense logo iria soar definitivamente para ele). Na realidade, a Zurique do último trimestre de 1531 não oferece a Thomas nenhuma perspectiva de futuro, nem civil nem militar. O melhor é reinstalar-se em Basileia, para mais uma vez estudar e ganhar a vida (novembro de 1531). Anna juntar-se-á ao marido pouco depois. Infelizmente ela se tornara muito mais móvel e “transportável” desde a morte da pequena Margret, amada criança, que, no entanto, dificultava demasiadamente os deslocamentos do casal, com ou sem momentânea separação de corpos dos cônjuges.

Assim, Thomas retoma a longa carreira de estudante sob influência basileense, o que, afinal de contas, o entretém mais do que a companhia algo rabugenta da mulher, providencialmente afastada dele nessa fase. Ele entra para o Untern Collegium am Rheinsprung, que permanecerá durante séculos a sede da Universidade de Basileia. Seu “bom mestre” na época, para cujo curso ele se inscreve oficialmente no verão de 1534 (sem dúvida depois do que Platter dá a entender, mas ele o deve ter frequentado a partir de 1531-1532), é Phrygio, cujo verdadeiro nome é Konstantin Sydenstricker. Nascido em Sélestat na década de 1480, Phrygio cresceu no ambiente humanista propiciado, nessa Atenas ou Florença do futuro departamento do Alto Reno, pelo erudito Beatus Rhenanus, parente de Erasmo, amador esclarecido dos clássicos antigos e dos Pais da Igreja, conhecedor da historiografia antiga e germânica, editor, co-editor ou anotador de Plínio, Sêneca, Tácito, Tito Lívio, Agostinho, Jerônimo, Crisóstomo, Tertuliano, Tomás de Aquino, Erasmo... Formado sob tal patronato, tornou-se pároco em Basileia, onde, a partir de 1532, foi professor universitário. Como não se mudará para Tübingen senão em 1535, até lá o mestre irá transmitir a Thomas as lições da Renascença (F 53).

O valaisiano frequenta as salas de aula, mas parece beneficiar-se também de uma minúscula “pocilga” ou, pelo menos, de uma cama nessa *Alma Mater* basileense. Ele dorme na universidade como outros dormem na caserna. Na falta da cozinha familiar, quer dizer, da esposa cozinheira (Anna ainda mora em Zurique), Thomas, com alguns trocados, come no restaurante Pilger Stab (cajado ou bordão de peregrino), execrável cantina universitária de onde saíam quase tão esfomeados como quando entravam. Mestre Phrygio, além do mais, dá provas de hospitalidade alimentar: amiúde o convida, e a outro professor, Christian Herbort, bem mais velho, à sua mesa. Thomas qualifica Christian de especialista em parasitismo (*schmorot-*



zen, T 115), e também de vira-casaca, sempre em cima do muro; tacha-o expressamente de duas-caras, um meio católico, meio protestante que se orienta segundo a tendência religiosa dos ventos e das cidades dominantes: protestante na Basiléia e católico em Friburgo ou no Valais. Ao visitar Basiléia, em 1580, Montaigne ficará impressionado com a constante presença na Suíça de tais especialistas em “alternância” individual.

De fato, os primeiros anos do novo ciclo basileense são uma breve tré-gua para Platter. A universidade local fora gravemente perturbada pelo triunfo *in situ* da Reforma protestante, em 1529. A habituais atividades intelectuais no mundo acadêmico não são retomadas senão pouco a pouco, *grosso modo* a partir de 1532, sob a égide, é lógico, dos novos mestres e crenças. Platter encontrar-se-á, doravante, nessa renovada conjuntura, muito longe de seus primeiros amores revolucionários, que o haviam levado à iconoclastia (queima da imagem da São João) e à adoção do obreirismo populista (escolha da profissão de cordoeiro). Sua carreira aproxima-se do ponto de maturação: no verão de 1534, aos trinta e cinco anos, ele sai do estado de eterno estudante, de aluno muito avançado, se bem que pobre, e conquista uma posição docente quase definitiva (quase porque ela ainda sofrerá algumas interrupções). É claro que em 1534 Thomas não está desprovido da imprescindível experiência profissional: alguns anos antes já formara pedagogos de níveis diversos ensinando-lhes, em bela progressão, primeiro o á-bê-cê e depois o hebraico! O acesso a papéis mais distintos, no começo do segundo terço do século, não é fruto somente de seus méritos pessoais. Thomas vale-se também dos empregos permitidos pela partida dos professores católicos, desgostosos com a vitória local da “heresia”. As numerosas mortes ocasionadas pela peste, praga presente também no seio da elite intelectual, igualmente concorrem para a ascensão do valasiano.

No promocional ano de 1534 Thomas avança muito na carreira de pedagogo: é já assistente ou mestre-assistente, a meio caminho entre professor secundário (ou primário) e professor universitário no sentido pleno do termo. Ele exercita seus dotes professorais no que chamaríamos hoje primeiro ano do primeiro ciclo. Leciona grego (língua em que é mestre, como o é em latim e hebraico) e utiliza nas aulas os *Diálogos* de Luciano, severo crítico das ambições humanas e das divindades celestes: o uso aprofundado de tais textos tê-lo-iam tornado céptico ou menos místico do que fora dez ou quinze anos antes? Quanto à gramática grega, Platter emprega a de Ceporinus, ou melhor, Jacob Wiesendanger. Esse teórico, originário da região de Winterthur, ex-professor da escola monástica de Basiléia, publicara a gramática nessa cidade, em 1522. O sucesso da obra, reeditada numerosas vezes, será duradouro, pelo menos entre os suíços. Sua exposição é efe-

tivamente moderna, cartesiana *avant la lettre*, com “seus longos encadeamentos racionais muito simples e fáceis”. O livro de Ceporinus explora a gramática em suas múltiplas dimensões: substantivos, acentuação, declinações, adjetivos, advérbios, preposições... Procedente da montanha e de sua tradicional cultura, o valaisiano tem acesso agora às delicadas classificações com que doravante repletará a memória dos alunos, sem ser avaro, quando necessário, das utilíssimas bofetadas duplas. Não utilizadas tão-somente no castelo de Montaigne, os tabefes são parte dos métodos didáticos da época.

Novo “desvio” no percurso de Thomas, numa momentânea mas importante bifurcação: a arte impressora! A peste, que, banal, está sempre deambulando por esses anos, arrebanhara Jacob Ruber (ou Ruberus em latim pedante), amantíssimo amigo de Platter e Oporinus: Jacob fora revisor na tipografia de Johannes Herwagen. Esta personagem de origem austríaca, que romanizara o nome para Hervagius, tinha-se casado em 1527 com Gertrud, viúva do ilustre impressor Johannes Frobenius. Por muitos anos Herwagen estivera associado a outros membros da grande família tipográfica dos Frobenius. A partir de 1531 passara a caminhar com os próprios pés, sem sócios e com empregados. Privado de Jacob Ruber, o excelente Hervagius substituíra-o, feliz e brevemente, por Simon Sulter ou Sulzer, bom estudante ou intelectual local de alto nível. De sábio a revisor tipográfico, nessa época, era só um passo, e devia ser dado o mais rápido possível, porque, sozinha, erudição não enchia barriga de ninguém. Pode ser, contudo, que ele tivesse outras fontes de renda, ou fosse muito apaixonado, custasse o que custasse, pela pesquisa ou cultura pura (F 170). Apesar de ocupá-lo só por meia jornada, a tipografia não se mostrou compatível com seus verdadeiros interesses. Sulter, portanto, cedeu o emprego a Platter.

Depois de fazer-se rogar, finalmente o valaisiano o aceita, “cedendo às afetuosas solicitações do companheiro”. A propósito, convém acrescentar que nem o extraordinário Oporinus hesitava em trabalhar algumas horas suplementares como corretor tipográfico. Thomas, então, inaugura um quadriênio de trabalho pesado, 1536-1539, acumulando a pedagogia e a correção de provas tipográficas. Uma inteira vocação de impressor, e de editor, nascerá em meio a suor e preocupação; afinal, estamos em Basiléia, cidade angular da tipografia sul-alemã, papel que na França cabe a Lyon, considerável cidade centro-meridional, sede da tipografia do grande reino no século XVI. Rapidamente Platter substitui o patrão Herwagen, quando este viaja para Frankfurt. Quando o mestre se ausenta para freqüentar a feira do livro dessa cidade, encarrega Thomas de supervisionar os trabalhos. Podemos observar os numerosos dons do novo impressor durante os trinta e seis primeiros anos de uma existência bem cumprida, mas ainda incompleta:



Thomas foi pastor, cabreiro, vaqueiro, montanhês, estudante, cantor, professor de três línguas antigas, cordoeiro e tipógrafo, até se tornar diretor de escola e proprietário de terras produtivas. Um completo homem renascentista, ainda que, confuso com o calendário como muitos de seus contemporâneos, não nos tenha indicado com precisão as datas importantes de sua vida, exceto a do nascimento (1499), talvez aproximada, e a da morte... inscrita no final do manuscrito, o que, para dizer a verdade, devemos à delicadeza do filho, Felix.

Por ora Platter continua vivo e até faz filhos. Após uma separação mais ou menos obrigada, ele retoma a vida conjugal com Anna. A primeira filha, Margretlin, nascida no Valais em 1530 (e não em 1529, erro de um biógrafo de Felix), morreu de peste em 1531, na casa do Dr. Epiphanius, que por seu turno não iria durar muito. A segunda, Margretlin II, nasce em 1533,<sup>35</sup> fase em que Platter, curado nos banhos de Brig, trabalha como corretor tipográfico de Herwagen. Thomas imprime, procria, ensina, estuda... Em companhia da mulher, a sempre diligente Anna Dietschi, ele mora na casa de um mestre-escola ligado à igreja de Saint-Pierre. O preceptor dessa época é um certo Antony Wild, franciscano apóstata, que em breve iniciará bela carreira no Colegium universitário. Carreira interrompida pela morte de peste em 1541. Antony Wild será precedido no cemitério pela pequena Margretlin II, que também falecerá de peste, em 1539, em meio a um virulentíssimo “resto de epidemia” aparecido após o paroxismo bacilar de 1538.<sup>36</sup> Uma terceira filha, Ursula, nasceu entre as duas, em 1534, na esteira de uma mudança residencial dos Platter que corresponde, esta sim, aos novos degraus de uma ascensão social. A própria Ursula fornece a prova disso: um dia em que essa “menininha” (*kindlin*) está prestes a cair de uma janela do novo domicílio “platteriano”, vizinho da casa Wild, Marx Wolff, pensionista de Thomas, agarra-a com precisão pelos pezinhos (*fiesslinen* – T 119).

Após o “biênio” 1535-1536, por conseguinte, Platter inicia-se na lucrativa atividade de dono de pensionato, alojando na própria casa alunos e estudantes que dormem, comem e pagam por isso e pelas lições coletivas e estudos fiscalizados. Conforme a cultura, Thomas é um pai (que surra se necessário) para a crescente quantidade de meninos pequenos e grandes, bem como de rapazes, que iriam rodeá-lo em suas sucessivas casas. Anna põe mãos à obra: e quem então, afora uma que outra criada, poderia cuidar da roupa de cama, da limpeza e da comida desse bando de estudantes extrema-

<sup>35</sup> F 50 e T 144.

<sup>36</sup> Jean-Noël Biraben, *Les Hommes et la peste, op. cit.*, vol I, *in fine*, séries cronológicas para o ano de 1538.

mente barulhento, que vive apenas de retórica? Platter *ipso facto* ensina; além disso, esse homem infatigável começa a trabalhar como tipógrafo independente em março de 1536. Pode-se dizer que esses poucos anos lhe são contemporâneos de uma possante “decolagem” social, ou melhor, socioprofissional. O pequeno pedinte das ruas e dos campos, o sarmento professor de teologia das igrejas já ficou muito atrás, embora, duas décadas depois, ainda esteja presente nas vívidas lembranças do principal interessado. Ei-lo, em 1536, pai pela quarta vez: é em outubro deste ano que nasce Felix, o bem-nomeado, o feliz<sup>37</sup> (F 52). Ele sobreviverá muito às três irmãs (Ursula morrerá de peste em 1551, exatamente como as duas meninas anteriores). Felix, na segunda metade do século, será o continuador da tradição “memorial” inaugurada pelo pai.

Globalmente, a paternidade adquire sentido sagrado: é Deus, claro, o “Deus fiel” dos reformados, quem a garante. Em contrapartida, Thomas não acusa o Todo-Poderoso ao ser atingido pela morte sucessiva das três filhas (Margaretlin também morre de peste; *Margrethi starb mir ouch an der pestelentz* – T 144). Platter bendiz a força sobrenatural que o repleta, e não se vê obrigado a elucubrar, ainda que piamente, sobre algum decreto celeste que lhe esteja na origem da hecatombe familiar e filial. Com tal atitude, o valaisiano está mais próximo da teologia “iluminada” e freqüentemente otimista de um Zuínglio do que do pensamento de um Lutero, neurastênico e impregnado de fatalismos predestinatórios, que portam o mal e a morte por suprema ordem do Criador.

<sup>37</sup> Em latim *felix* significa “feliz”.